4. No caminho de práticas escritoras: seguindo a pista de nativos digitais

Além de questões de forma que o suporte digital engendra, pude identificar entre os jovens desta pesquisa práticas e representações da escrita "para falar" pelo teclado, da escrita "para si", aquela que se guarda no espaço privado e não se mostra, a escrita "de si" e "para o outro", que hoje se divulga prioritariamente nos espaços públicos da internet, a escrita "na e para a escola", percebendo variações entre o significado do manuscrito e do digital. A escrita literária também aparece, feita de jovens para jovens, na qual se destacam fanfictions e webnovelas.

A todo o momento as práticas atravessam o espaço do papel e da internet fortemente relacionadas. Frente tal complexidade, reconheço a interconexão das práticas manuscritas e digitais, advertindo que a separação por tópicos neste capítulo foi resultado de difícil esforço de sistematização. Optei por iniciar descrevendo faces da escrita digital na troca de mensagens instantâneas por trazer questões mais gerais encontradas nas práticas de meninas e meninos. O aspecto estrutural da linguagem digital na tela do computador apresenta semelhanças de forma, estilo e emprego performático para ambos os gêneros, principalmente para a troca de mensagens sincrônicas e estratégias de personalização para divulgação e "escrita de si". A mesma recorrência cabe para a avaliação que os estudantes fizeram sobre práticas de escrita escolares.

A escrita "para si" recebe em seguida uma seção própria porque é no suporte tradicional que práticas e significados da escrita começam a se diferenciar com clareza. O papel recebe inscrições de conteúdo de foro íntimo, raras aos meninos. As redes sociais aparecem como contraponto ao que se guarda em âmbito privado, incitando atualização constante da "escrita de si" e da "escrita para o outro".

Fecho a descrição da empiria com a escrita de webnovelas por meninas adolescentes. Esta se inscreve como expressão digital, sendo sua análise resultado de web-etnografia. Por mais que uma das adolescentes entrevistadas em casa tenha sido a responsável por me apresentar ao universo das webnovelas, o estudo e análise das comunidades nas quais estas são publicadas foram dados exclusivamente no âmbito *online.* As meninas leitoras e escritoras foram abordadas pelos fóruns e por questionários digitais sem que eu as tenha

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

encontrado presencialmente em nenhuma ocasião. Por isso, ainda que muito do que tenha sido contado e respondido pelas leitoras e escritoras de webnovelas indique recorrência de práticas e representações verificadas presencialmente com os jovens em suas casas, as mesmas são apresentadas separadamente.

4.1. MSN: oralidade transcrita

Os adolescentes que participaram da pesquisa manifestam "vontade de escrever". Para descrever essa vontade foi necessário investigar as formas, suportes e conteúdos desses escritos e as ocasiões em que são produzidos (FABRE, 1997). Lorena diz escrever "mensagem por celular, *scrap*, depoimento, carta, muita carta, em Fotolog, quem sou eu nas comunidades que eu faço, mensagem instantânea, *nick*, na parede". Vale a pena ressaltar que a maior parte dos itens citados, "scrap, depoimento, quem sou[1], comunidades e *nicks*" dizem respeito à linguagem utilizada no universo do Orkut ou do MSN, uma escrita que se inscreve no espaço de redes sociais.

Para os jovens que participaram desta pesquisa, computador ligado significa computador conectado. Computador conectado significa MSN ligado, Orkut, Youtube e Google abertos ao mesmo tempo, todos os dias – mesmo que não possam acessar tais sites devido a possíveis regras familiares. O MSN Messenger é um serviço que possibilita a troca instantânea de mensagens entre amigos: a foto do interlocutor aparece na lateral da caixa de diálogo, é possível trocar o status para informar o que se está fazendo naquela hora – comendo, dormindo ou ouvindo determinada música – além de opções de status já disponibilizadas pelo programa como ausente, ocupado, ao telefone: nesses dispositivos se pode entrar sob status off-line, que permite ver quem está online sem ser visto, além da troca de arquivos e possibilidade de conversa via áudio ou câmera em tempo real. (ALMEIDA e EUGENIO, 2006).

> A comunicação que se desenrola através dessa troca instantânea parece revestir-se de um aspecto intensamente fático (...) São expressões, interjeições, troca de ícones ou emoticons (carinhas rindo, chorando, com sono, raivosas, mostrando a língua, piscando etc, algumas fornecidas no repertório básico do programa, outras personalizadas pelos usuários, com uma infinidade de expressões possíveis), além do uso insistente de risos grafados (do mais contido "hehehe" ao mais intenso

1 Leal (2008) analisa discursos e imagens escolhidas por jovens para definirem "quem são" no Orkut.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

> "hahahaha"). (...) O teclar converte-se tanto quanto possível em um decalque esmerado da voz que fala, e neste movimento mimético reside toda uma operação de diluição tentativa das diferenças entre a interação face a face e a mediada por máquinas.(...) As abreviações corroboram para a produção de um efeito de "espaço real": é preciso digitar em velocidade a mais próxima possível da fala. (ALMEIDA e EUGENIO, 2006, p.64-65)

Computador conectado para estes adolescentes significa possibilidade para jogar online. Estar online também é requisito para organizar e postar fotos e textos. A relação, as práticas e os significados que os jovens possuem com o MSN é o abre-alas categórico para a análise do material de campo digital, ponto chave para a experiência desses jovens. O MSN apareceu como "meio de extensão do corpo" nativo digital, onipresente e fundamental. Não restritivo a outras atividades, como ouvir música, digitar textos, publicar frases curtas ou assistir vídeos, usado "durante" a navegação na Internet, concomitantemente com tantas outras "janelas".

Esta integração da troca de mensagens sincrônicas ao cotidiano está em consonância com os resultados do estudo de Lewis e Fabos (2005) nos Estados Unidos. A troca de mensagens instantâneas não é vista como "tecnologia" pelos jovens, pelo menos não como algo complicado ou difícil de entender e operar, mas algo "normal", "fácil" e quase não notado devido à sua naturalidade. A tecnologia se torna invisível. As práticas de escrita nesse espaço, entretanto, podem dar visibilidade às formas como as identidades sociais têm sido construídas pelos jovens através de "estratégias de personalização" (BOYD & ELLISON, 2007, apud RECUERO, 2008), a começar pela definição do *nickname* ou apelido.

Para nativos digitais, a escolha do *nickname*, incluindo a forma, cores e letras com as quais o apelido será exibido na tela é muito importante. Elas não são escolhidos ao acaso e, como toda nomeação, têm função identitária, denotam quem fala e o "lugar" de onde se fala. Os jovens conseguem, por exemplo, identificar usuários mais velhos ou mais inexperientes (neófitos) pela forma como seus *nicknames* são escritos.

O *nickname* de Lorena aparece cifrado, letras e números misturados, ao lado da imagem de um sol. Lorena explica o "mistério": "ahh... então você não tem o *plus*, né? Você não consegue ler meu nome todo coloridinho, né?" Realmente não

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

consigo, vejo apenas o código e ela me explica que como eu não tenho o "MSN Plus, só consigo ler o código em HTML.

Reparo que Diana também tem o "plus" instalado, porque em sua tela é possível ler tudo "coloridinho" e sem os códigos. Pela tela de Diana é possível sublinhar mais dois aspectos importantes da lógica do MSN: a definição do status, colocado como "Invisível" (o que significa poder ver sem ser visto e a atualização do subnick. Enquanto Diana lança a frase "*Just You and I against together the world, right?",* pelos *subnicks* das outras pessoas da lista é possível saber que informam estar "Durmindo (sic)", "Estudando" ou até mesmo acompanhar a música que está sendo tocada naquele momento no computador do outro.

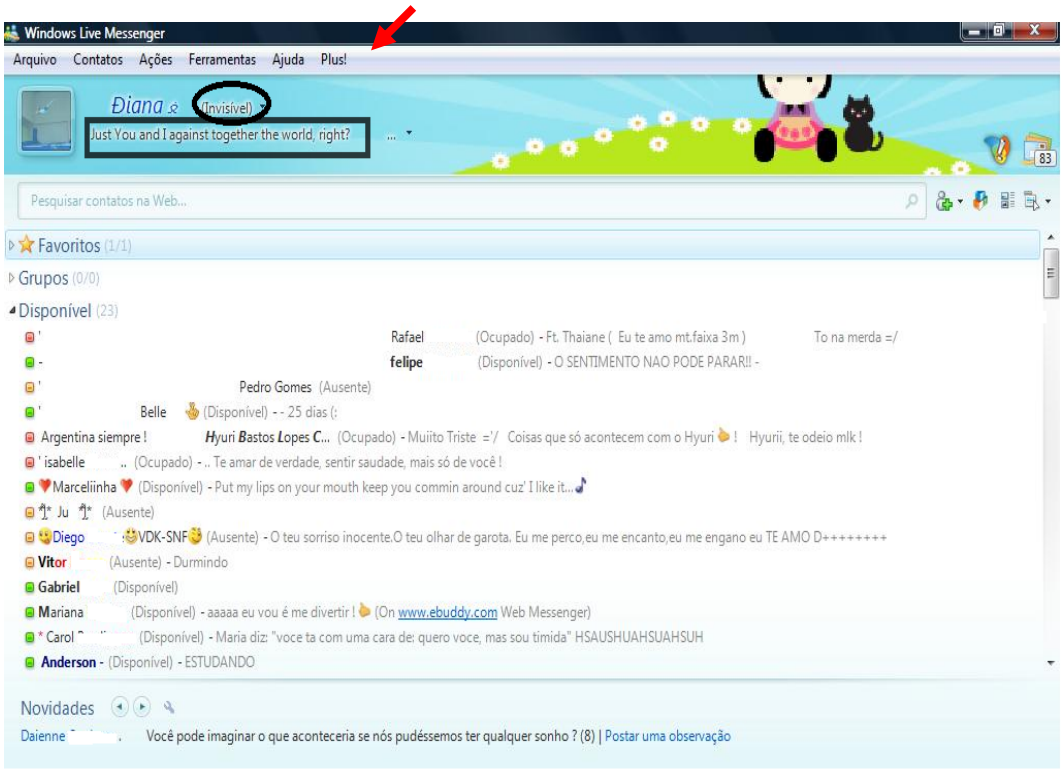


Figura 4 - MSN "plus" de Diana

Os adolescentes alteram o status de acordo com a disponibilidade para conversar. Ao acompanha-los usando o programa, notei que Lorena indicava "não ao computador" – mesmo que estivesse com ele ligado, enquanto Diana escolhia a opção invisível porque preferia apenas conferir quem está online sem ser descoberta e Juliano indicava estar "online". Diana disse que fica "invisível" porque nem sempre quer falar com quem está online. Os amigos mesmo, quando querem falar com ela, escrevem do mesmo jeito porque já sabem que Diana fica

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

sempre invisível no MSN. Para me exemplificar, a adolescente abriu sua Lista de Amigos e concluiu: “Viu só? Ninguém interessante com quem eu queira falar!” Enquanto eu explicava os objetivos e procedimentos da pesquisa, ela ia mexendo no mouse e navegando. Sobre a opção pela invisibilidade, pode-se dizer que:

> Na era das telas e visores, das imagens via satélite, do escaneamento das minúcias interiores do corpo, a experiência humana está mais submetida à espetacularização e aos processos de visualização do que jamais esteve. Nesse espaço de alta visibilidade, o olho que via pelo buraco da fechadura foi sendo substituído pelos milhares de acessos dos usuários aos novos dispositivos de visibilidade. É o poder de penetrar no corpo do outro sem correr riscos, saber do outro sem precisar se expor, que vai se multiplicando, na medida em que se multiplicam os dispositivos que incentivam o consumo e a produção de imagens, constituindo o “ver e o exibir” como aspectos culturais fundamentais. (LEAL, 2008, p.55)

A lista de amigos de Juliano não aparece “coloridinha” o que indica que ele não instalou o MSN Plus. Mesmo assim ele opta por escrever seu nickname de maneira cifrada, incluindo símbolos. Pergunto o motivo e me explica: “botei para ficar maneiro, pra chamar atenção”.

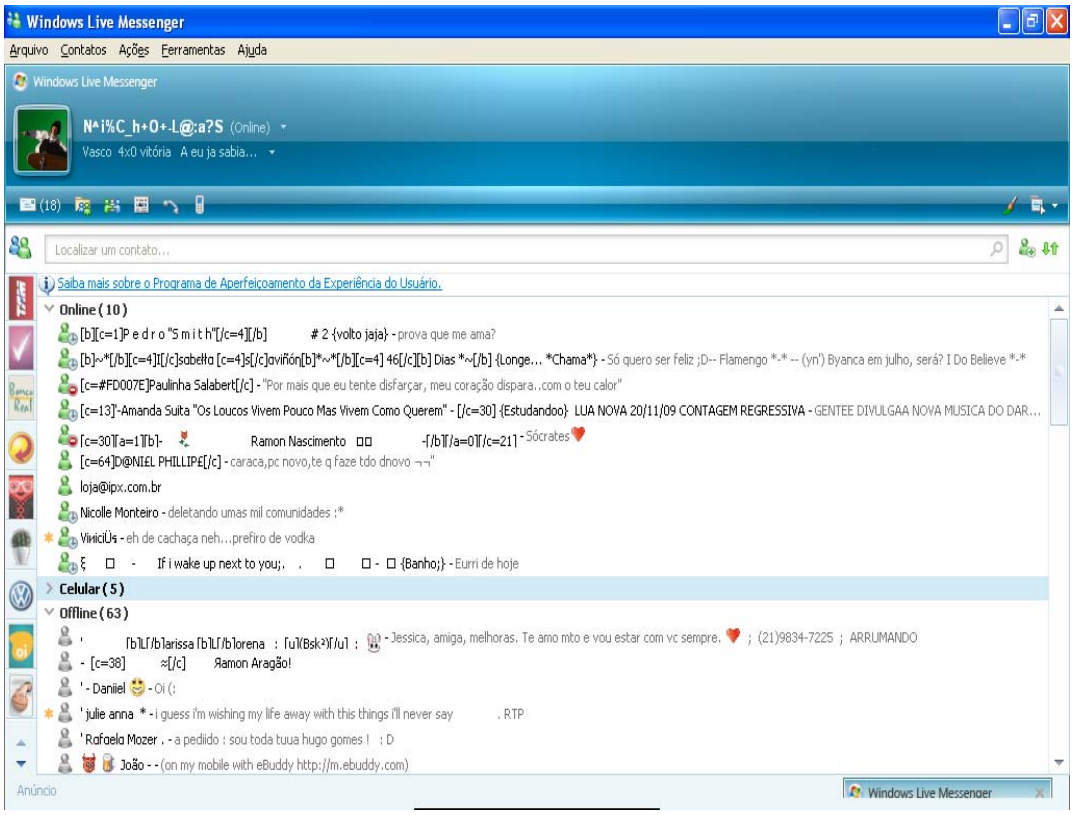


Figura 5 - MSN de Juliano sem o “plus”

Isabella conta que seu nick é “mais palhaçada mesmo, colocar letra grande sublinhada em baixo. A letra estranha eu coloquei em um site estranho que eu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

entrei agora". Pergunto porque ela quis ir atrás de um site "estranho" em busca dessas letras e diz que:

> *Acho que é só diversão, pra dizer que é diferente. Os outros são todos iguais, com um monte de traço, separado da parte ali, põe traço, coloca outro nome, ponto, vírgula. É só pra diferenciar, pra ficar mais bonito e divertido.*

A busca por sites e principalmente de comunidades no Orkut que disponibilizem letras, símbolos, *emoticons*, frases, depoimentos e fotos está integrada ao dia-a-dia dos adolescentes. Eles copiam e colam o que os interessa com facilidade, empregando as "estranhezas" à escrita no MSN e demais espaços digitais.

A urgência por diferenciação está em consonância com os significados de se tornar adolescente e com o peso que a construção da identidade social engendra neste período. A possibilidade de se diferenciar dos adultos, ganhando o reconhecimento e integração entre pares é explorada minuciosamente nos espaços online.

Isabella contou que tanto ela quanto seus amigos sempre "mexem" nas letras do nick e do subnick, alterando-os. Quando pergunto se as pessoas que estão na lista de amigos também tem essas práticas, responde: "a maioria mexe. Só meus tios que não. Fernando, o namorado da Juliana, também não". Sendo assim, numa lista de 188 amigos, apenas três, os que justamente são os mais velhos, destoam nesta prática comum entre adolescentes. Isabella não sabe porque os tios não usam as letras coloridas, mas arrisca: "acho que é porque eles não tem o programa pra isso".

Para demarcar esta necessidade de diferenciação, o adjetivo "estranho", expressão utilizada por Fernando, amigo de Juliano, também aparece como qualidade e estratégia para chamar atenção. Na ocasião, os dois estavam no escritório da casa do Juliano enquanto eu fazia a entrevista. Diferente do amigo anfitrião, que ainda não tinha instalado o programa, Fernando conta os motivos pelos quais "baixou" o MSN Plus:

> (Fernando) *Aí eu baixei porque eu acho ele melhor do que o MSN normal. Tem mais variedade, o design é melhor. Acho que é isso, porque eu tenho as mesmas coisas do outro MSN, só que são mais bonitinhas (sorri).*
> (Pesquisadora) *Além da música quando alguém te escreve, que outra alteração você fez no seu novo MSN?*
> (Juliano) *Nada, eu só mudei a cor da minha fonte.*
> (Pesquisadora) *Por que você mudou?*
> (Fernando) *responde por ele: "pra ficar estranho".*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

(Juliano) *Pra chamar atenção.*
(Pesquisadora) *Pra chamar atenção de quem?*
(Fernando) *De 4 pessoas online, porque não tem mais ninguém (zomba).*
(Juliano) *Vai contando as pessoas e falando: sendo que eu tenho aqui 4, 7, 11...*
(Fernando) *E eu tenho 200!*
(Juliano) *Grande coisa.....você acha que eu ligo para isso? (sorri, revidando a zombaria)*

Este diálogo condensa aspectos que me parecem fundamentais: mudança/alteração do padrão, personalização, estranhamento, chamar atenção e popularidade. Todos esses elementos seguem em consonância com a emergente necessidade de diferenciação característica do período adolescente, no qual a construção da identidade e a incorporação de jogos de linguagem possuem papel decisivo.

Como sublinha Labov, (1972 apud CARON e CARONIA, 2007, p.106), em muitas sociedades os adolescentes possuem suas linguagens próprias, gírias e neologismos, modos de falar diferenciados dos adultos. No nível lexical são frequentes as onomatopéias, insultos, palavrões, além da rapidez. Adolescentes costumam ser notados como os que adotam comportamentos "estranhos" e suas manifestações de escrita na internet reforçam e indicam continuidades a esta tendência. Não é à toa que todos os entrevistados citaram em algum momento o tempo que dedicam para alterarem o formato padrão dos seus espaços online, personalizando perfis e procurando continuamente novas fontes de signos "estranhos" em sites e fóruns temáticos.

Quando Fernando caçoa da insignificante audiência de Juliano no MSN, com apenas 4 contatos online, está demonstrando o valor que a popularidade entre pares carrega. Sabe-se que na adolescência as preocupações com as avaliações e julgamentos dos colegas disparam (CORSARO & EDER, 1990) e no caso do MSN, o número de amigos que se possui atua como termômetro, fonte de comparação e disputa. A partir do momento em que o espaço público da internet 2.0 potencializa a visibilidade entre os colegas, o cuidado e aprumo com a apresentação, decoração e manutenção online do *self* ganham ainda maior relevância.

Não basta fazer parte da rede, é preciso ser reconhecido pelos demais. No caso do Orkut, o número de amigos é importante, assim como a quantidade e qualidade dos depoimentos recebidos, a quantidade de comunidades das quais se participa, o número de marcações como sendo considerado sexy ou como ídolo, o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

número de comentários para as fotos e textos publicados, de recados e de invasões no perfil - práticas que serão analisadas posteriormente, mas que integram a mesma lógica.

Para a manutenção do *self* online – fortemente decorado e estilisticamente elaborado (LIVINGSTONE, 2008) - a atualização do *subnick* se configura como outro elemento essencial. Lorena tinha colocado a frase: "Fica do meu lado, de rosto colado, numa noite assim", no de Juliano "Vasco 4 x Vitória 0 A eu já sabia". Os *subnicks* são atualizados de acordo com o humor do usuário que tem a possibilidade de compartilhar com sua lista de amigos o que está pensando naquele momento. Lorena contou que seu *subnick* "é sempre letra de musica. Quando estou escutando musica, vou procurando na comunidade (no Orkut) e coloco". Acompanhando Isabella no computador, por exemplo, encontrei em seu MSN a seguinte contagem regressiva, "faltam 76 dias". Perguntei para que coisa faltam aqueles dias escritos ali. Ela comentou que estava torcendo para viajar para o Sul, para o Paraná, mas só se a mãe dela deixasse. "O *subnick* é mais pra mostrar o que eu estou sentindo na hora", explicou.

Expressar o que se está sentindo "na hora" em ambientes online parece ser muito atraente para os jovens. Ao comunicarem publicamente o que estão sentindo em âmbito privado, podem receber comentários de vários contatos ao mesmo tempo (tanto por mensagens sincrônicas ou assíncronas), conotando prestígio social. Sentimentos e pequenos textos escritos por eles recebem status de 'notícia', sendo lidos e acompanhados por uma audiência de pares, o que os faz se sentirem valorizados e em companhia. Caron e Caronia (2007) chamam atenção para o apelo que o imediatismo na comunicação exerce entre adolescentes, principalmente por este ser um período no qual há desejo e necessidade de socialização, aceite e escuta. O conceito de "morte do silêncio" vem dessa sensação: a de que o medo da solidão e do isolamento pode ser quebrado pelas contínuas respostas ao que se publica e pela possibilidade de "conversar" sempre que se deseja.

Fiquei interessada em saber se Isabella costuma ler o que os amigos da lista do MSN escrevem como *subnicks*.

> *Se tiver alguma coisa interessante, sim. Minha amiga foi no show do Jonas Brothers e tá aqui: 'toquei no Jonas Brother no dia 22 do 5 no Downtown, chorei rios, o show acabou mas o sonho não termina aqui'. Eu converso com ela na escola sobre isso. Ela me contou que ela viu eles.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Pergunto: então primeiro você olha aqui e aí você já tem uma idéia do que pode conversar com a pessoa? E ela conta:

> *É...minhas amigas, quando eu coloco alguma coisa estranha no meu subnick, elas vem me perguntar. Ás vezes eu falo...não é sempre... Ás vezes eu coloco pros meus amigos mesmo. Coloquei agora pra Bya, já coloquei pra minha prima.*

A ideia de "colocar" algo para alguém é um outro fator que pode ser destacado nas práticas escritoras de nativos digitais, tanto no MSN quanto no Orkut. Os adolescentes investigados nesta pesquisa apreciam a troca e exposição de afeto entre os amigos, tornando público o que sentem. Gostam de expor nas redes sociais que estão pensando em alguém e que tais pessoas são importantes para elas, "viram notícia" em seus canais de comunicação. Homenagens e referências a amigos, ídolos e pensamentos são traduzidas em *subnicks* no MSN, recados, depoimentos e "invasões" no ORKUT[2].

Mais uma vez retomando as imagens do MSN acima inseridas é possível verificar tais demonstrações. Na lista de amigos de Diana, Rafael escreveu como *subnick*: "Thaiane, eu te amo muito" e Isabelle Ferraz "te amar de verdade, sentir saudade mais(sic) só de você!". Carol cita uma outra amiga em seu *subnick*, o que também é comum. Os jovens das listas de MSN a que tive acesso copiam frases que amigos enviam para eles e disponibilizam no *subnick*: "Maria diz: você está com uma cara de: quero mas sou tímida SHUASHASUAHA" – estas últimas letras significam que Carol está gargalhando do que Maria escreveu pra ela. Na lista de Juliano, também é possível encontrar essa tipologia de homenagens. Larissa escreveu: "Jessica, amiga, melhoras. Te amomto e vou estar com vc sempre" e Rafaela: "a pedido: sou toda tuua hugo gomes". Em um dos encontros, Lorena tinha explicado o uso de extensão e repetição de letras, como no caso do uso do "tuua" na frase da Rafaela. Conta que repetir "a letra váriás vezes é só pra enfatizar o que você quer dizer, é só pra chamar mais atenção naquela linha, naquela frase, naquela palavra".

A linguagem abreviada (você por "vc", muito por "mto") e/ou estendida (tua por "tuua") comumente utilizada principalmente por jovens em programas

---

[2] Invadir um perfil é prática de *hackers*, piratas digitais ladrões de senhas. Estes reescrevem o perfil do membro "assaltado". Alteram fotos e descrições de si colocadas pelo membro para conteúdos geralmente insultuosos e pornográficos. O termo "invasão" foi apropriado carinhosamente por amigos e namorados que pela posse concedida da senha do outro, tem a liberdade de deixar recados amorosos ou afetuosos no espaço em que o membro se descreve e apresenta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

para trocas sincrônicas de mensagens, como o MSN, não é adotada sem exceções. Há nuances, diferenças e limites para o uso das abreviações. Os jovens que participaram deste estudo sublinham fortemente a diferença entre abreviar e escrever errado, por exemplo. Para eles, o primeiro caso expressa a oralidade transposta para a escrita de forma a garantir maior espontaneidade na troca das mensagens ao vivo, já o segundo, sugere descaso com a norma culta da língua, que vêem como um equívoco.

> *Tem gente que eu acho que escreve de um jeito no MSN que eu não acho que pode ser considerada uma forma de escrita. Isso porque tem gente que escreve errado de propósito. Eu considero valido quando é pra facilitar a escrita, "vc", essas coisas. Pra facilitar, porque você está ali e não vai ficar escrevendo tudo corretinho, como para um professor de português. Mas quando se escreve uma coisa totalmente diferente, como "voce" (vose) com "s", acento errado só porque acham que vai ficar bonitinho, eu acho que não pode ser considerado.(*Lorena)

Lorena acredita que muitos adolescentes escrevam "errado" para "ficar bonitinho", subvertendo a ordem da língua por mera diversão. Este comportamento a desagrada. Abreviar palavras é concessão e caminho válido para aqueles que conhecem as normas e podem desfrutar da escrita oralizada enquanto gênero e expressão. Seja por brincadeira ou por desconhecimento das normas, a alteração do padrão não é visto com bons olhos pelos nativos entrevistados, que valorizam a escrita "correta". Esse comportamento sugere incorporação de estratégias distintivas: fazer diferente; ser diferente, embora seguindo as regras; não seguir as normas por seguir e/ou subvertê-las se necessário são atitudes que têm valor nesse campo.

O uso de *emoticons* é explorado com freqüência pelos estudantes entrevistados.

> Os *emoticons,* como se diz em inglês, utilizam de maneira pictográfca alguns caracteres do teclado (parênteses, vírgula, ponto e vírgula, dois pontos) para indicar o registro de significado das palavras: alegria :-) tristeza : (ira :-@ ... e ilustram a procura de uma linguagem não-verbal e que, por essa mesma razão, possa permitir a comunicação universal das emoções e o sentido do discurso. (CHARTIER, 2002, p. 17)

A figura 6 mostra que a pictografia antes intuída e pelos caracteres simbólicos como :) está ganhando uma proporção ainda mais imagética com a introdução de imagens animadas. Notei que quando Juliano queria dizer "beleza", escrevia apenas a abreviação "blz". Quando apertava a tecla ENTER do teclado aparecia um *emoticon* animado, com letras piscando. Perguntei como ele

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

conseguia fazer aquilo e me explicou assim: "*são quadrinhos animados*". Eu perguntei: "como você faz isso?", e ele "*eu escrevo e aparece*" (rindo, como se a resposta/pergunta fosse óbvia e dispensável). Tentei mais uma vez: "quem te ensinou?" e ele

> *ninguém, eu aprendi sozinho, falta do que fazer na vida...aí eu fico no computador e aprendo . Não aprendi sobre emoticons, mas as pessoas vão mostrando emoticons e vou copiando e colando, aí eu uso como hiperlink. Eu escrevo a palavra e aí aparece em cima. Sei lá, vou escrever... "oi", vou escrever várias vezes a palavra e aparecem os emoticons.*

Considero este diálogo muito significativo. Primeiro, porque quando pergunto qual mediação responsável pela aprendizagem de *emoticons* não há "ninguém" em especial mencionado. O ato de "ficar no computador e aprender" seria suficiente, representando a possibilidade de contato com "pessoas" na rede que mostram e disponibilizam o que sabem. Um segundo ponto diz respeito ao fato dele diferenciar aprendizagem de cópia. Quando explica não ter "aprendido" sobre *emoticons* porque seu uso foi dado pela cópia-e-cola, tece gradações sobre o que considera ser dispositivo oficial para a aprendizagem.

Lembro que Juliano, no primeiro encontro, havia dito:

> *O MSN praticamente mudou um bocado o computador porque eu falo com muitas pessoas. E quando eu precisar de qualquer coisa eu falo com aquela pessoa, eu vou ali e se eu quiser marcar alguma coisa...*

Realmente ele utilizou esse recurso para me explicar a transformação de caracteres em *emoticons*. Para a solução desse problema, Juliano em conversa simultânea com seu amigo pergunta : "tem *emoticons* para passar?" e ele responde: fala mlk" (fala, moleque!). O amigo diz: "kra eu to falando do meu PC antigo a acabo d volta do concerto dpois d 2 anos. "num tem emoticoninhum". Juliano responde, gargalhando: "hahahahahahahaha" e emenda um "já volto". Fecha a janela com o diálogo imediatamente e passa para a página da aba no Youtube, procurando um video. Rola as opções que o site oferece com muita rapidez até a barra do MSN mudar de cor, indicando que o amigo respondeu a mensagem. Filmo a rapidez com a qual ele digita e atua em multitarefas.

O papel dos amigos online como mediadores de novidades para a escrita na rede é frequente. Isabella já tinha me explicado como aprendeu a "virar" a letra do seu nome. Ela viu que um amigo seu tinha a letra assim e perguntou pra ele: "como você faz isso de virar o nome?" Ele mandou o site e Isabella entrou e começou a escrever seu nome virado e "estranho". Disse que é só copiar e colar e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

que após ter aprendido colocou "até no Orkut!". A aprendizagem desta linguagem se dá entre amigos - transmissores de dicas, que por sua vez fazem referências a comunidades no Orkut atualizadas por outros membros constantemente.

Figura 6 – Exemplo de *emoticons*

> *Começaram a me mandar recados na Internet com negócio colorido ai eu comecei a perguntar: "poxa, como é que esse pessoal faz essas coisas?" Acho que foi até a Lorena que falou, aqui ó, tem dicas de recados. Você clica lá e explica como é que se faz todos. Quando eu comecei a fazer eu olhava toda hora, mas depois eu fui me acostumando e lembrava. A maioria eu já sei de cabeça*. (Diana)

O conceito de sociabilidade (SIMMEL, 2006) como "forma lúdica de sociação" (p.63) nos ajuda a entender a dinâmica que subjaz nas práticas colaborativas entre adolescentes. Eles experimentam na rede o comportamento mais específico da sociabilidade: a cortesia. Dispõem com alegria os conhecimentos que possuem, se sentindo valorizados pelos seus iguais. O fenômeno *multitasking*, ou multitarefas se revela com força no caso do MSN. Mas aqui também há fronteiras e delimitações. A nativa digital Diana explica:

> *Você consegue ter três conversas completamente diferentes ao mesmo tempo, pensar nas três coisas ao mesmo tempo. Não sei explicar isso mas... não é a toa que você não faz um poema lindo enquanto você esta no MSN.*

Fazer dever de casa e estudar, por exemplo, são apresentados em gradação crescente. Enquanto para fazer o primeiro é possível estar conversando no MSN,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

com o segundo o nível de concentração exigido não é compatível com conversas simultâneas. Para Diana é possível fazer várias coisas com o MSN ligado:

> *MSN, Orkut, coloco musica, pego e faço um trabalho no computador. Eu pego e vou botando cada pedaço de texto e vou botando. Uso Word enquanto eu estou falando com alguém no MSN, sem contar quando atendo o telefone e assisto televisão ao mesmo tempo (risos). Basicamente isso! E o texto sai, meio capenga, mas sai. Mas tipo, dever de casa. Dá pra fazer o dever de casa e MSN. Tudo bem, tranquilamente. Agora se for pra estudar, aí não dá porque preciso de mais concentração. Eu faço dever de casa assistindo TV, tranquilamente. Olho, leio aqui, assisto o programa, rio e paro. Agora se for pra estudar não dá, porque preciso de mais concentração.*

Diana avalia que o MSN atrapalha um pouco "porque o texto não fica tão bom quanto poderia ser". Também conta que por não sentir o tempo passar quando está no MSN, às vezes se arrepende de ter entrado. A história de "deixa só eu entrar rapidinho no MSN pra ver quem está online" nem sempre funciona. Se começar a vir assunto, Diana exclama, sorrindo: "nossa: uma agonia! Era só o que faltava! Por que eu fui ficar tanto tempo no computador?"

Diana emprega um termo neste diálogo que acredito ser útil para se pensar a comunicação contemporânea: tempo. É inegável que estamos vivendo em um mundo no qual as tecnologias alteram a noção de tempo e de espaço, potencializando velocidades. Para pensar essas mudanças à luz da empiria com jovens e suas relações com os celulares, Caron e Caronia (2007) criaram os conceitos de deslocalização; multilocalização do *self*, hibridização do tempo e morte do silêncio, muito úteis também aqui para a análise da fala os adolescentes sobre o tempo.

Diana, assim como os demais nativos digitais ao longo das entrevistas, elencou o ganho de *tempo* ao digitar; a possibilidade de ter retorno *imediato* ao que se escreve; ao tempo e ao espaço que se multiplica pela comunicação simultânea com várias pessoas que não compartilham o mesmo lugar físico (deslocalização) e horário (hibridização do tempo) e a possibilidade de ocupar diferentes ambientes online ao mesmo *tempo* (multilocalização do *self*) como sendo fascinantes.

Esta vivência do fascínio não impede que Diana deixe de relativizar as consequências que as mudanças na relação com o tempo e espaço incutem. Ela avalia como sendo agonizante perder a noção do tempo enquanto conversa pelo MSN com os amigos: cair na repetida armadilha do "vou entrar rapidinho" e depois se dar conta que não foi possível parar gera frustração e arrependimento.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Caron e Caronia (2007) citam o paradoxo entre perder tempo para ganhar tempo. Afinal, quanto tempo por dia se gasta lendo, escrevendo e respondendo mensagens? Qual seria o preço a pagar em nome da eficiência, imediatismo e rapidez na comunicação?

Pelo conjunto de práticas observadas nesta seção, pode se dizer que as lógicas de escrita no MSN estão imbuídas, antes de tudo, por marcas deixadas pelas redes sociais, conexão contínua, possibilidade de autoria e (in)visibilidade. Neste contexto, para "início de conversa", é necessária a definição de um apelido pelo membro, assim como a adição de pessoas para compor a lista de contatos. O programa investe na multimodalidade e personalização, convidando cada membro a disponibilizar uma foto para compor seu perfil, alterar o pano de fundo, cores, sons, videos, letras para a escrita das mensagens e incluir emoticons. Suas escritas e peripécias passarão a ocupar o palco para qual os amigos conectados se tornem audiência e palco, simultaneamente.

Estratégias de personalização e atualização compõem um "significativo laboratório social para experimentar construções e reconstruções do self" (TURKLE, 1995, p.180) e ganham destaque por serem empregadas com intensidade pelos nativos digitais. Estes identificam adultos em suas listas no MSN a um passar de olhos: iniciam frases com letra maiúscula, acentuam e pontuam corretamente e não parecem dispensar atenção para escrever de forma "estranha" seus apelidos.

Para se diferenciarem constantemente e cada vez de maneira mais elaborada, os nativos digitais ativam redes de contato para a aprendizagem de temas que os interessam. A aprendizagem se dá entre pares, numa escrita de jovens para jovens em espaços informais de sociabilidade. A afinidade temática os une, dando corpo à chamada "cultura participativa" (JENKINS, 2009a). Por essa perspectiva, o foco do letramento se desloca da expressão individual para o envolvimento em comunidades nas quais circulam conhecimentos produzidos e compartilhados por eles e resolução de problemas.

Experimentar a condição de estar no "palco" vem acompanhado da oportunidade de ser audiência para o "palco" dos amigos, instituindo um processo cíclico. Os adolescentes fazem, pela escrita, publicações curtas e contínuas de si, gozando do retorno quando a leitura do outro se manifesta por comentários. Eles sabem que a reciprocidade é mola fundamental para a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

manutenção da rede: precisam ler e comentar para serem lidos e comentados também. Fica a impressão de que se a manifestação do afeto ganhar maior visibilidade o sentimento adquire importância equivalente. Quando um adolescente "coloca" frases no seu *subnick* fazendo referência a uma outra pessoa, está oferecendo uma homenagem especial, da mesma maneira que as "invasões" parecem ser.

A escrita oralizada, abreviada e multimodal também possui regras que, se descumpridas, distinguem os membros quanto a suas competências e seriedade frente à língua portuguesa. Escrever no MSN não é tido como escrita e sim como "fala": em nenhum momento os nativos digitais afirmam estar escrevendo e sim falando com os amigos. Costumam "conversar" pelo teclado diariamente enquanto realizam outras atividades simultâeas, utilizando este canal de conexão para contar sobre o dia, buscar dicas, obter conselhos e companhia.

Realizar tarefas simultaneas é fenômeno comum entre os mais jovens. Rivoltella (2006, p.20) comenta que adultos não conseguem ter a mesma naturalidade e principalmente, velocidade para migrar de uma atividade a outra: escutar música com a televisão ligada, conversando pelo MSN, jogando game e falando ao telefone ao mesmo tempo pertence principalmente à geração da "atenção parcial contínua". Os próprios adolescentes entendem que esta velocidade permite a realização de um certo tipo de atividade, para qual a exigência de concentração em tempo contínuo não seja prioridade. Ainda não sabemos os efeitos que a "geração multitarefas" apresentará daqui para a frente, mas pelo menos até agora, para os jovens entrevistados, tem sido possível operar com as duas lógicas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

4.2. Escrita na e para escola

> *Eu gosto de escrever coisas que eu me interesso, mas coisas de escola eu não gosto não.* (Isabella)

Entre o interesse dos jovens entrevistados e as propostas escolares parece existir um considerável vale. Há queixas sobre o formato e temas das atividades para exercício da escrita. A quase exclusiva ênfase na produção de textos dissertativos é criticada com força. Diana diz que sempre a mesma estrutura com

"introdução, dois argumentos, um parágrafo de desenvolvimento e conclusão" não permitem o fluir de "uma escrita minha, exatamente livre". Lorena compactua da mesma visão:

> *Sempre esse negócio de planejamento é uma bobagem. Não tem nada a ver. Você pode escrever um texto na ordem que você quiser, porque a expressão é sua e é você quem define como você vai expressar aquilo que você quer passar naquele texto. Não ia impor um tema, porque escrever sobre um tema que você não quer é um saco, ninguém merece!* (Lorena)

Os adolescentes reconhecem o momento atual como sendo de transição na forma de escrever devido às tecnologias digitais, assim como o papel do professor no estabelecimento de limites. Quando escrevem abreviando palavras, são chamados atenção pelos docentes. Por isso, mesmo quando usam o computador para fazer atividades para a escola, dizem usar "linguagem de mão porque é trabalho, você não pode escrever um bando de coisa abreviada".

Sobre o crescente uso de abreviações pelos nativos digitais, o período é de incerteza sobre a formação das gerações futuras. Os entrevistados arriscam dizer que os mais novos "podem ficar com a escrita limitada porque não conhecem ainda tudo o que tem", mas logo depois voltam atrás, dizendo que não estão certos sobre isso.

Esses adolescentes são capazes de apresentar as especificidades da escrita digital: "mais rápida", "mais simples" e "mais direta" foram adjetivações recorrentes. "Poder apagar" o que se escreve errado, as correções automáticas de ortografia, pontuação e concordância feitas pelos editores de texto são muito bem-vindas por todos os entrevistados.

> *eu não gosto muito da minha letra e não sou muito boa em acento... Eu esqueço muito ponto, eu esqueço o jeito que se escreve. Esqueço muita coisa, eu troco q com j, m com n, x com s, aí não dá certo. Eu prefiro passar pro Word porque ele conserta o que eu errei.* (Isabella)

> *Eu gosto mais de digitar do que escrever a mão. Para digitar você não precisa fazer as curvas nem as letras, então é mais rápido. Só que o problema de digitar é porque dá dor na mão, pode dar tendinite. Quando você faz redação você faz assim a mão, não digitalmente. Mas eu acho que no futuro vai ser digitalmente.* (Juliano)

Abreviar palavras é pratica comum quando se está escrevendo no computador, principalmente quando se está conversando com amigos através de mensagens instantâneas. Os entrevistados, entretanto, parecem adaptar a estrutura da escrita às necessidades de uso dela.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

> *Trabalho de escola eu escrevo no computador, mas numa linguagem de mão, porque é trabalho, você não pode escrever um bando de coisa abreviada.* (Diana)

> *Mas eu não consigo escrever como eu escrevo no computador, no papel. Tem gente que escreve "vc", "tb", eu não consigo, acho muito estranho. Eu escrevo tudo correto, quando eu erro é porque erro a ortografia mesmo.* (Lorena)

A distinção entre "linguagem de mão" e "internetês" parece precisar ser respeitada. Mesmo que um trabalho para a escola seja escrito no computador, a influência do suporte não é determinante. Ali se convencionou um limite para a entrada da escrita abreviada, que não poderia passar nem seria bem-vinda. O mesmo vale para o papel, que ao receber a forma de internetês em sua superfície teria seu sentido deslocado, causando estranhamento. O papel do professor para estabelecer fronteiras entre o que é permitido como gênero textual escolar é reconhecido como importante, mas nem por isso suficiente. Cópias de redações escolares recolhidas confirmaram esta afirmação: não encontrei vestígios de abreviações de palavras em nenhuma delas.

Esses jovens percebem que vivem um período de transição na escrita e compartilham incertezas, não sabendo avaliar o que será mais apropriado para a formação das gerações futuras. Para onde este impacto irá conduzi-los? Juliano tinha questionado se no futuro as redações escolares serão feitas diretamente no computador e Diana apresenta outros questionamentos:

> *Você tem que escrever a mão. Não pode deixar de fazer isso. Como é que as crianças vão aprender a ler e a escrever? Começo a viajar...Não sei se vai ser ruim ou bom... eu vejo muita gente que começa a escrever no caderno abreviando palavra. Isso ate meu professor estava falando: eu não aceito isso, isso não é permitido usar em prova, essas coisas assim. Então eu acho que eles podem se prejudicar.* (Diana)

Quando professores procuram interagir com a escrita dos alunos, oferecendo retorno, deixando comentários sobre o que leram, a sensação é muito positiva. Diana guarda as provas de História porque o professor era "tão legal", "deixava recadinho na resposta," 'perfeito!', 'muito bem' e eu adorava isso, minhas amigas também. Parecia que ele se importava mais com a gente que os professores normais na prova de todo mundo!"

Segundo os entrevistados, no ano de escolaridade que estão cursando (início do Ensino Médio) predomina a produção de gêneros textuais dissertativos em redações, por isso buscam referências e memórias sobre momentos em que escreveram por prazer na escola nos anos anteriores. Mexendo em sua pasta de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

redações e trabalhos escolares, quando encontra um texto, Diana chega a "deitar" em cima do papel como se estivesse fazendo carinho naquele pedaço de história. Conta que quando estava na sétima série, sua escola completou 15 anos e a professora de português propôs a produção de uma paródia. Foram os alunos que escolheram a música de base e depois deram idéias para a mudança das estrofes, sugerindo frases que eram expostas no quadro e escolhidas pela turma. Decidida a letra, os alunos cantaram e dançaram. Esta atividade ficou marcada como um dos "trabalhos mais legais" que já fez. Quando Lorena foi convidada a pensar estratégias para a formação do escritor na escola, fez referência exatamente à inclusão de música do gosto dos alunos como ponte para a criação literária.

> *Se fosse uma coisa como: escolha uma musica e fale sobre que relação tem isso na sua vida, a pessoa ia escolher uma musica que ela gosta e ai ia escrever o que sente ouvindo essa musica. Acho que as pessoas iam ficar mais felizes na aula de redação fazendo isso.*

Além da paródia, a elaboração de "jornalzinho escolar" foi citado como agradável lembrança das séries anteriores. Diana conta que desde a sexta série era responsável pela seção de crítica de cinema, "o que era o mais legal porque você era obrigado a ir ao cinema". Posteriormente criou com amigas uma coluna de fofocas – motivo para sorrir muito ao reler: "Garoto do 8º ano se decepciona com garoto do 9º; Vitinho é considerado galã do 6º ano; apesar de comprometido ainda faz as garotas se derreterem; alunos do oito ano fazem abaixo-assinado para liberação de *skate* na quadra". Conta, ainda, que a "professora não deixava" publicar tudo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

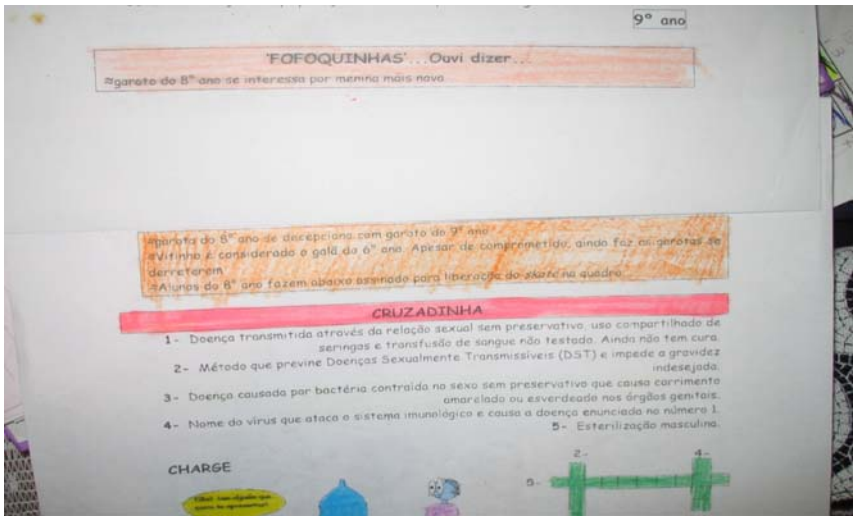


Figura 7 – Exemplo de jornalizinho escolar moderado por professora

A escola na qual Diana estudou durante o Ensino Fundamental também promovia um Jornal Mural. Diana diz que "era um saco porque a professora tinha sorteado e eu fiquei com Economia por dois anos! Eu não agüentava mais... eu adorava quando alguém faltava e eu tinha que falar de outra coisa". A falta de motivação vinha pela dificuldade de entender os cadernos de economia dos jornais, não da atividade em si. Quando não precisava escrever resumos sobre economia, a adolescente achava "bem legal". O receio de que professores possam ler o que escreve fez com que Diana abolisse o uso da agenda atualmente, preferindo folhas soltas. Isso porque:

> *a professora pegava a agenda pra anotar, botar bilhete e eu me sentia muito mal só em pensar que minha professora poderia ler o que estava escrito, eu ia ficar com muita raiva dela. Eu lembro no dia em que a gente foi fazer a matrícula e ela disse: "ah, ás vezes eu pego as agendas, aí fico vendo as coisas que os outros professores anotam também, porque esses alunos, lá lálá", aí eu pensei: não vou anotar nada ali não. Aí eu só botava assim: reunião, o que eu fiz na ginástica, fazia algum desenho, de resto, vazio.*

Figura 8 – Agenda de Diana

A escrita para a escola nem sempre é vista como agradável, mas isso não significa dizer que outros formatos não circulem no ambiente escolar. Diferente da escrita "para a escola" está a escrita "na escola", ocupando corredores, banquinho no recreio, passagem secreta entre as carteiras, troca entre cadernos e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

espaços extras durante as próprias aulas. Isabella conta ter iniciado um livro “na escola, bem rapidinho, antes da aula de inglês e na aula de inglês (sorri)”.

> *Eu peguei na escola, eu estava escrevendo frases como eu escrevo de vez em quando. Aí eu fiquei pensando, olhando... Aí, eu estava meio triste na escola e comecei a pensar numa história que eu estava lendo que era parecida. Aí hoje eu comecei a pensar, peguei a caneta na aula de inglês porque o professor estava explicando um negócio que eu já sabia, aí eu fiquei escrevendo, escrevendo e escrevendo e eu entreguei pra minha amiga, porque ela também está escrevendo um livro.*

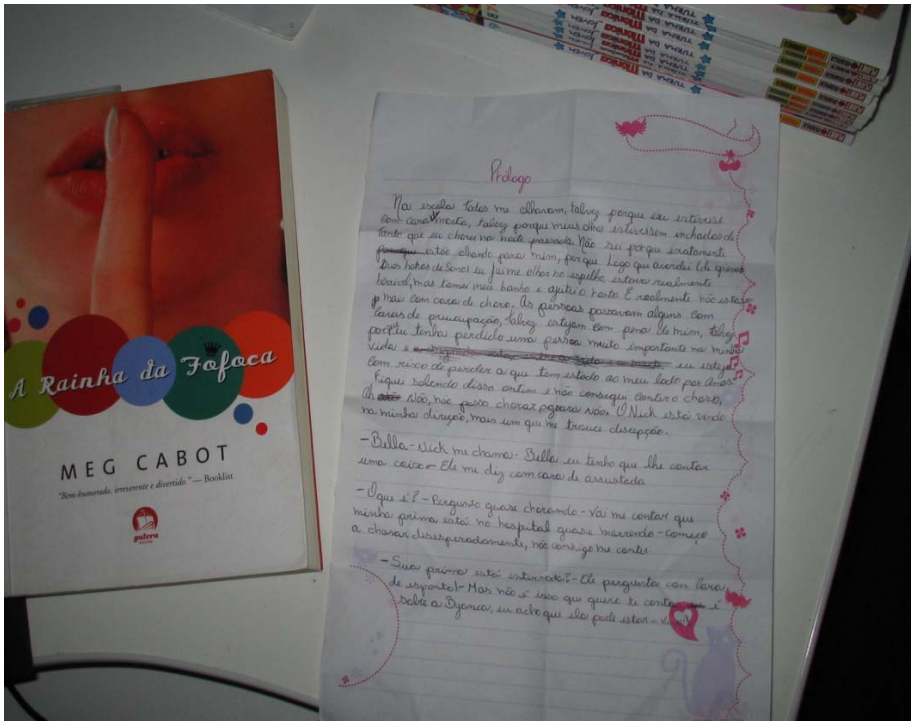


Figura 9 – Escrita de livro iniciada na escola

Para Lorena, subestimam-se muito os jovens hoje em dia... Eles sabem “muito bem escrever sobre o que estão sentindo, essas coisas assim, no MSN, por depoimento. Menos história que é o que o professor pede na sala de aula!” Se Isabella diz que não há nada que goste na escola além dos amigos, Diana critica a escola por não cumprir seu papel de incentivadora de práticas escritoras.

Os estudantes sentem falta de obter retorno sobre o que escrevem e a comparação com a internet parece inevitável. A possibilidade de ter audiência interessada para o que compartilham os mantém motivados, mas na escola seus textos não circulam entre pares nem são comentados em rede. As redações quando recebem correções de professores que se restringem ao apontamento de erros gramaticais causam desapontamento, pois esperam experimentar escritas criativas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Considero importante ressaltar que a intenção da pesquisa não foi observar e avaliar a prática docente para o trabalho sobre a produção escrita na escola, pois o foco se manteve em descrever e analisar o ponto de vista dos adolescentes. Estes sugerem que a escola não se restrinja à solicitação de textos dissertativos, mas incorpore às atividades crônicas, contos de fadas, fábulas, poemas e músicas, além de temas de seu interesse. Reclamam que os trabalhos com variados gêneros textuais, notadamente ficcionais, vão sendo deixados de lado com o avançar dos anos como se fizessem parte de formação infantil, fantasiosa e imatura em nome do exercício da argumentação precisa e técnica, esta ditada pelas agruras do vestibular.

Os estudantes sentem falta de retorno para o que escrevem, reclamando que a maior parte dos comentários deixados pelos professores, quando constam, se limitam a correções gramaticais. Desejam falar de temas de seu interesse de forma livre, sem seguir a padronizações estruturais, preferindo experimentar o exercício da linguagem com diversas nuances e liberdade. Entendem que a escrita para a escola não pode ser abreviada, precisando ter sua normas preservadas para a transmissão de conhecimento aos mais jovens, embora utilizem as abreviações em suas comunicações digitais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

4.3. A escrita para si: uma marca do corte de gênero

> *Eu não pego o computador para escrever os meus sentimentos. Eu escrevo no papel.* (Diana)

Mesmo com a preferência da escrita em rede como forma de comunicação e sociabilidade entre jovens, a escrita íntima, secreta e privada tem sido preservada através do papel, da folha solta, da caneta, lápis e borracha. Esta escrita, predominantemente feminina, se dá por textos que precisam ser escondidos, guardados “na gaveta para ninguém ler” e algumás vezes, rasgados. “Quando é coisa particular minha eu prefiro escrever no papel” foi frase recorrente. Esta marca de gênero delineia uma diferença histórica nas formas de expressão de sentimentos. Não foi feita nenhuma menção pelos meninos entrevistados pessoalmente sobre a necessidade de usar as palavras para experiências que não fossem escolares ou comunicativas. Não trocam cartas com amigos e os

depoimentos deixados no Orkut são mais jocosos, sintéticos e irônicos do que efetivamente dotados de carga afetiva.

Já as meninas contam escrever quando estão tristes – ocasião na qual escrevem um "montão de coisa no papel" e guardam, para ler depois e lembrar "como estavam". O movimento de releitura, de retorno a uma situação antes dolorida em passado costuma trazer alívio pois quase sempre elas percebem se sentir melhor quando o turbilhão já passou. Reviver a escrita pode significar reviver a própria história, percebendo avanços, mudanças, conquistas e o valor do tempo para o fluxo da vida e entendimento das coisas. Lorena diz que a análise da escrita feita para si possibilita descobertas: "aí você descobre que você muda de um tempo pra outro, como as coisas na sua vida mudam, como você mesmo muda por dentro".

A escrita para si começa com diários, mas logo o receio de serem descobertas faz com que migrem para folhas soltas. Escrever sobre o futuro ganha importância e não apenas tecer narrativas sobre o que se está vivendo no momento. Percebem a relatividade do que sentem intensamente no hoje, encontrando prazer em registrar o futuro do presente como forma de conhecimento de si. A vivência do caráter transitório das sensações é potencializada.

> *Agora eu escrevo para o meu futuro, coisas que eu acho que vão ser, essas coisas, pra quando eu chegar lá eu ver como eu sou e como eu queria que fosse, pra ver como tudo é diferente de como a gente planeja.* (Lorena)

Se na escola os temas abordados permanecem em posições mais superficiais e relativas ao mundo exterior, é na escrita para si em âmbito privado que o falar sobre si ganha contorno profundo.

> *No meu quarto eu escrevo sobre mim, sobre o que eu gosto, sobre os meus amores platônicos pelos famosos. Eu escrevo sobre o meu futuro, sobre o que eu acho que vai acontecer comigo no futuro. E sobre o medo que eu tenho de ficar velha, porque eu sou traumatizada com isso, eu não quero ficar velha, quero morrer cedo, eu tenho medo de velho, quanto mais eu ficando velha! Quando eu brigo com meu pai, commeu irmão, quando eu brigo com minha mãe e não toagüentando mais, não consigo ficar calada, escrevo. Pego o papel. Fico lendo variás vezes. Ai depois tem um dia, eu vou lá, leio e discordo, porque a raiva já passou, ai eu rasgo.* (Lorena)

Para as meninas, "a escrita é a melhor forma de expressão" que possuem. Através dela podem tratar de temas que querem falar para o mundo, mas que não tem coragem pessoalmente, a escrita íntima não há limites nem freios, desejos e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

medos pessoais convivem pelo menos até antes de serem rasgados, no mesmo papel, oferecendo espelho e desabafo para o que sentem no cotidiano. Diana conta que viveu muitas dificuldades um período da sua vida, no qual se sentia desorientada, sem saber quem era, pra onde iria e o que queria.

O papel solto recebeu suas angústias, a escrita a fazia sentir aliviada. Não quis anotar em agenda e muito menos "carregar para cima e para baixo" o que escreveu. Prefere ter sua memória "meio desorganizada" em folhas de caderno por se sentir mais protegida. Estas ficam guardadas de forma aleatória, algumas vezes sem data. Ficam sem saber "exatamente quando foi isso, quando foi aquilo ou o porquê disso e o porquê daquilo", mas tal imprecisão vale o preço. O receio de serem lidas, descobertas e decifradas a contragosto causa intenso desconforto.

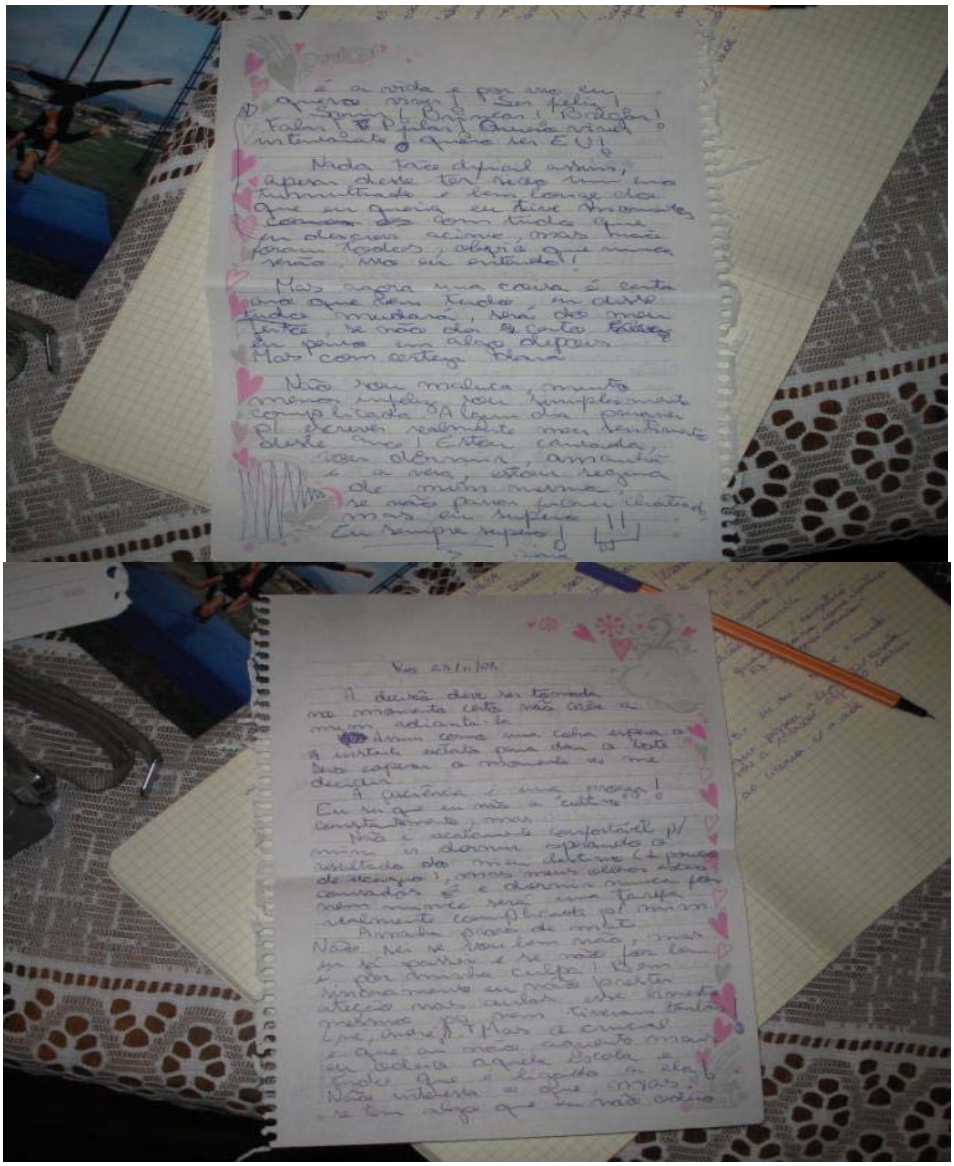


Figura 10 - Escrita para si em folha solta

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Ao discutir as diferenças entre o masculino e feminino na escrita doméstica, Lahire (1997, p.145) chama atenção para a tendência de pensarmos que a dificuldade em escrever está relacionada a uma falha de aprendizado acadêmico que afeta apenas os analfabetos, pessoas com níveis baixos de qualificação e populações excluídas. Mas a dificuldade em escrever não pode ser vista apenas como uma questão de competência ou facilidade para executar uma ação. Há um jogo social em voga: meninos e homens podem viver esta dificuldade que afeta a constitutividade social da identidade sexual.

Segundo o autor, existem estatutos simbólicos para práticas de escrita. A maneira como pais e filhos, irmãos e irmãs empregam a escrita são "transmitidas" e "construídas" via cooperação, imitação, identificação e incentivos explícitos. Lahire (1997, p.149) cita uma situação clássica de escrita em família: em cartas ou cartões de aniversário geralmente a menina ou a mãe escreve o corpo do texto e os irmãos e homens da casa contribuem com uma pequena palavra e assinam. Parece que os meninos constroem um sistema de preferências que exclui a escrita como paixão. São mães e professoras as responsáveis por escrever cartas, receitas, legendas para álbuns e se expressarem através da caneta. Os meninos podem associar esta prática ao universo feminino, precisando se distanciar em nome do fortalecimento da sua identidade sexual.

Para as meninas que acompanhei, as cartas continuam presentes em caixas especiais e cantinhos nas gavetas, representando lugares próximos ao coração, às memórias e ao que há de mais especial. Na hora da compra, as adolescentes selecionam cuidadosamente seus cadernos ou fichários. Não delegam esta decisão aos pais. Levam em consideração o desenho e originalidade da capa, colorido das folhas, os desenhos no papel. Suas personalidades precisam estar em sintonia com estes objetos.

Diana diz adorar papelaria, "acho a coisa mais gostosa do mundo comprar um bando de caneta, tudo colorido e papel e borracha, acho muito legal". Acredita que "toda menina quando começa a crescer quer aquelas folhas todas decoradas. Papel de carta eu tinha várias blocos, fazia coleção, trocava. Eu sempre fazia essas coisas. Eu gostava de ter o que ninguém tinha. Sempre". O seu caderno atual também denota fatores distintivos: "Ele é diferente, ninguém tem! Ele não tem variedade de folhas, ele foi feito por uma gráfica e só tem aquele tipo de folha. Ele é muito fofo".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

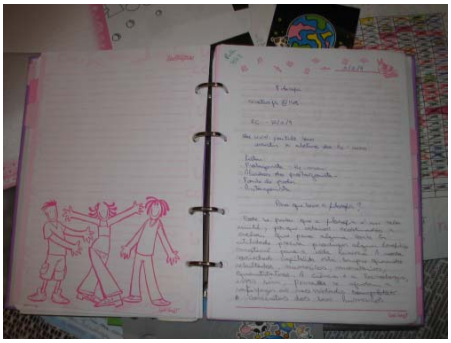


Figura 11 – Fichário que ninguém tem

Figura 12 – Caderno escolhido pela capa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Isabella conta ter escolhido seus cadernos pelas capas que considera "bonitinhas" como a "da Capricho e essa do Pooh, que eu acho fofo, bonitinho, sinal de amizade". Explica ainda que se depender de sua mãe os cadernos terão apenas folhas brancas, o que desaprova.

> *Eu gosto de caderno com um desenho ou outro, não com desenho ao fundo porque não fica legal. Eu prefiro escrever com folha que é branca no meio e que tem desenho do lado. Eu não gostava muito das folhas de caderno que minha mãe comprava que só tinha uma margem de cor e o resto todo branco. Eu gosto com desenhinho.* (Isabella, encontro 2)

As margens dos cadernos são universos para esse grupo feminino. Espaço para o sonho e desvio durante as aulas, odes à amizade e pactos, deixam registrados pensamentos livres e em voo, práticas de liberdade em escritas ordinárias.

> *Nos meus cadernos têm muita coisa escrita nas margens, os do ano passado principalmente. Na data... sempre escrevo alguma coisa, é divertido. Escrevia música, escrevia na data "hoje eu fiz isso e aquilo", "faltam 1 milhão e meio de dias pro meu aniversário". Na última página do meu caderno de português tinha lá anotado quantos dias faltavam pra terminar o ano. Toda semana eu calculava quantos dias, horas e minutos, sei lá, não lembro mais, mas estava tudo lá marcado, os risquinhos, igual presidiário.* (Diana, encontro 3)

> *Tem letra de música, tem esse aqui- Isabela fala em espanhol - Eu acredito em fadas... Tem até o 85, que eram os dias pra Byanca chegar... eu guardo muita coisa no meio do caderno. Tem... Nat, Isabela, Byanca (no alto da folha do*

caderno Isabela escreveu as inicias dos nomes das amigas) e... tem umas frases que eu também botei. Na primeira eu coloquei assim - e lê: " basta olhar o céu e procurar a estrela que mais brilha, ela será o seu sorriso". A segunda, "quando olho pra trás só vejo destruição, mas basta olhar pra frente que me lembro que você está ao meu lado, mesmo estando longe". A terceira, " Ter sua amizade eu sei que é verdadeira e se for mesmo, será pra sempre". As três que eu escrevi pensando na minha amiga. (Isabella, encontro 2)

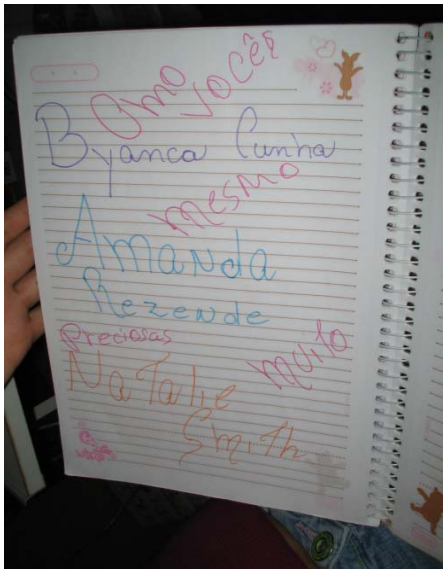


Figura 13 – Escrever nomes das melhores amigas: prática comum

Diana aproveita e me mostra uma folha do fichário, toda colorida e com desenhos impressos como antigos papeis de carta, a conversa tida com sua amiga na aula de religião. As duas costumam usar a folha de papel para conversar, contar novidades e escapar da "chatice" da aula. Dei uma olhada nos diálogos e pedi para tirar foto. Nesse espaço, as amigas conversavam sobre a compra de pôsteres do Crepúsculo.

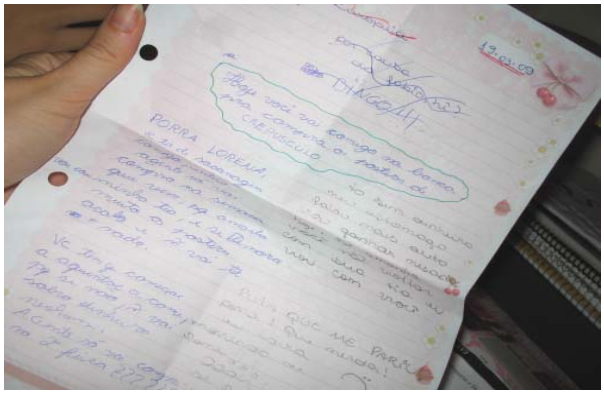


Figura 14 - "Conversa" em sala de aula por folha de fichário

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Figura 15 – Recado-surpresa

Bilhetinhos que passam em sala de aula, recados, cartões e cartas de aniversário, desenhos feitos por amigos costumam ser guardados ou pendurados pelos murais, paredes e cortiças dos quartos.

> (Pesquisadora) *E o que eles escrevem no computador, você guarda?*
> (Diana) *Aqui fica no computador....Fica nos meus depoimentos, ás vezes eu olho.*
> (Pesquisadora) *Você já imprimiu alguma coisa daí?*
> (Diana) *Não, nunca.*
> (Pesquisadora) *Por quê?*
> (Diana) *Não sei, ás vezes eu leio...teve uma vez que um garoto escreveu um poema pra mim, achei tão bonitinho, ai eu vou là, e leio pra lembrar ás vezes da pessoa, mas é muito raro. Não sei explicar, mas fica ali guardado, acho que às vezes escrever no papel é mais bonito.*

Importante ressaltar que em tempos de letras digitais e padronizadas pelo computador, ainda há valorização da "letra bonita" ou "original". A relação entre letra e identidade também foi encontrada em pesquisa com universitárias, estudantes de Pedagogia (DAUSTER, FERREIRA, TIBAU, 2009). Diana não consegue ter o capricho que admira em certas colegas da sala, diz que se quiser fazer letra bonita leva muito tempo: "Eu acho lindo quando eu pego os cadernos daquelas meninas todo perfeito, com título, mas eu não consigo". A adolescente afirma sofrer preconceito. Com frequência ouve dos colegas: "ah, você é a única menina que eu conheço com letra ruim!" o que a irrita, mas não a "atinge". Afinal,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

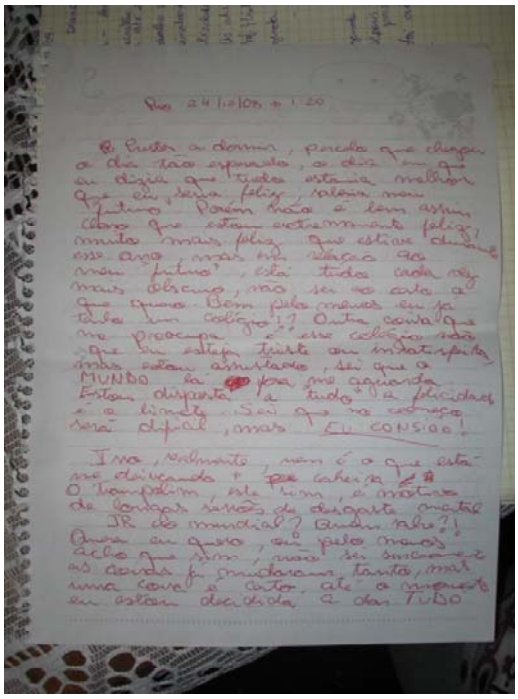
para Diana, pode ser que haja uma possível relação entre letra e personalidade de cada um: "Sei lá, eu não seria eu se eu não tivesse essa letra!". A jovem aprofunda sua reflexão sobre a importância da letra para ambos os sexos e diferentes faixas etárias.

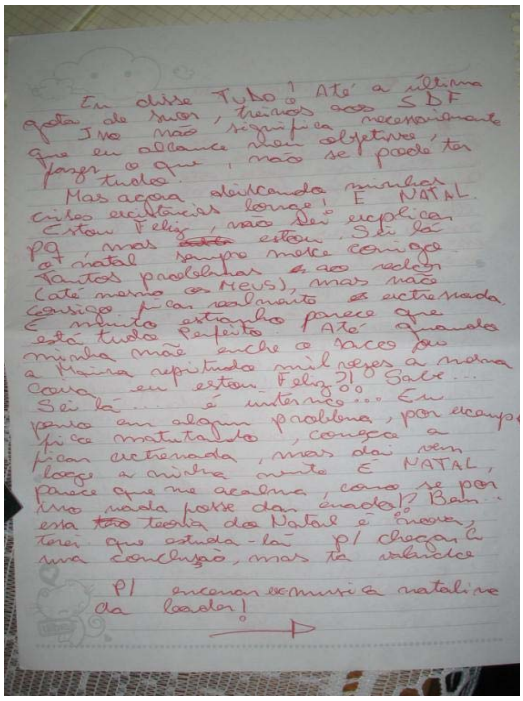
> *Atualmente a letra é o de menos, porque no Word você muda a letra facilmente. Acho que as pessoas vão começar a ter as letras piores ainda. Acho que os meninos têm uma letra muito ruim. Mas chega numa certa idade eles começam a ter uma letra estilosa e eu acho muito mais legal uma letra estilosa do que uma letra redondinha, de menina. Porque eu acho que menina começa a fazer uma letra bonita na segunda, na terceira série e começa a competir com as outras meninas pra fazer uma letra redondinha e perfeitinha. O menino não. Acho que ele só começa a pensar na letra, sei lá, lá pela oitava série. Eles começam a fazer uma letra meio de lado, com estilo, eu acho muito mais legal. Tem um garoto na minha sala que tem uma assinatura muito maneira, acho muito mais divertido do que essas letras certinhas.* (Diana, encontro 2)

Percebe-se que para as nativas digitais, o papel não perde sua majestade para quando o que se objetiva é "escrever sentimentos" – posição que também foi encontrada entre universitárias imigrantes digitais (DAUSTER, FERREIRA, TIBAU, 2009). Segundo os autores, "o papel permite um contato físico, táctil, uma proximidade que parece coadunar com a ideia de intimidade com o escrito, constituindo-se em um suporte que se harmoniza com as escritas pessoais" (ibid, p. 20) Diana lembra do ano passado como tendo sido um ano "muito, mas muito difícil mesmo". Nos momentos ruins, nos quais mais se sentia desorientada, escrever usando papel era a poção mágica, ritual para sair da crise.

> (Diana) *O que sou? Pra onde vou? Em crises assim, eu escrevia. Sei lá, meio que desabafa. Eu me sentia melhor.*
> (Pesquisadora) *Alguma coisa dessa você já passou pro computador?*
> (Diana) *Não. Acho que não passaria.*
> *Por quê?*
> (Diana) *Acho que não passaria. Acho que assim é mais real. Primeiro porque eu não pego o computador para escrever os meus sentimentos. Eu escrevo no papel.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA





Figuras 16 e 17 – “Escrever sentimentos” em folhas soltas

Para as adolescentes, escrever na agenda ou diário alguns aspectos do dia-a-dia, sentimentos e vivências tem a grande importância pela possibilidade de registro, marco e autoconhecimento.

> *Eu gosto, porque eu lembro de eu escrevendo, eu lembro das coisas que aconteceram. Às vezes eu encontro algumas coisas “estou muito feliz por isso, isso e isso”, aí eu paro e penso: “poxa, eu estava feliz por isso? Que coisa mais mongoloide!” (sorri). Coisas assim do gênero. “Vendo Big Brother, fiquei muito chateada porque o cara saiu” (lê em voz alta um trecho e depois complementa: eu era muito idiota! Depois Diana mostra um trecho escrito. “Meninas dormiram aki. Praia amanha. Estreia minha prancha e vestido para festa da Viviane”. Eu acho muito legal você ter essa noção do que aconteceu na sua vida.* (Diana)

Diante dessa empiria tão marcadamente feminina, precisei desconfiar do que eu havia encontrado. Jonas, 16 anos, convidado a dar seu depoimento por escrever com frequência no Orkut de duas amigas entrevistadas, explica pelo MSN: “Em geral os meninos não sabem se expressar” pela palavra, mesmo que façam grafites, desenhos – como ele, que se diz conhecedor de outra linguagem, por gostar de artes plásticas: “Quando estou em qualquer tipo lugar que dê pra riscar (areia, papel etc.) e algo que risque é como se a poesia virasse desenho”. O adolescente avalia que suas amigas compartilham com ele o que sentem através da escrita na internet e seu papel acaba sendo “muito mais” de leitor e “conselheiro” do que escritor. Incentivado pelas aulas de filosofia na escola e pelo amigo que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

pede constantemente frases para atualizar o seu *subnick* no MSN, Jonas cria frases curtas:

> *E quem poderá dizer que é livre, sendo preso por si mesmo?*
> *O silêncio transcreve a inércia de nossos pensamentos.*
> *O que seria do meu coração sem você para fazê-lo bater?*

Essas frases foram coladas na nossa conversa via troca sincrônica de mensagens quase imediatamente após minhas perguntas. Perguntei como fez para recupera-las tão rapidamente, estariam todas organizadas em algum caderno, diretório no computador ou em um blog? Jonas responde com um "HUAUAHHUAEAEUUH" – o que significa gargalhada e completa: "histórico de MSN". Ou seja, ele confia no "histórico do MSN" – ferramenta do aplicativo que se acionada registra tudo o que foi conversado em arquivos de texto. Esta estratégia tem sido recorrente em tempos da "*e-memory*" ou memória digital (MAYER-SHÖNBERGER, 2009).

Ele não usa papel e caneta para elaborar as frases, salvo exceções quando o cotidiano o surpreende. "Enquanto pessoas julgam outras pelas canetas, outras compram canetas para serem julgadas" foi escrita em pedaço de folha improvisada. Jonas conta que estava no ônibus quando entrou um rapaz vendendo canetas oferecendo vários modelos. Para uma delas, descreveu com distinção: "E olhe só essa, parece até caneta de executivo!". Essa cena precisou ser reelaborada por João através da escrita, da síntese, da crítica ao peso do *status* social, condensada em poucas palavras.

Todas as outras frases foram sendo criadas como frutos e inspiração de conversas com amigas no MSN, ficando automaticamente registradas, sem necessidade de caneta. A letra da sua primeira música foi escrita diretamente em bloco de notas digital:

> *Mesmo que o dia*
> *não lhe calmaria,*
> *lhe impede de ser*
> *o poeta da vida*
>
> *Busque em ti*
> *reconstruir,*
> *ajudar alguém e*
> *ir mais além*
>
> *Mesmo que o dia*
> *sedento de harmonia*
> *prende o seu ser,*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

segue e auxilia

Busque em ti
redescobrir,
selar o bem,
amar também

Mesmo que o dia...

Para esses jovens, a escrita digital não precisa ser impressa. Eles dizem que não imprimem o que está no computador, salvo raríssimas exceções, como fotos muito especiais que esperam ter em porta-retratos ou murais. Todo o restante pode ser consultado online a qualquer momento. Mesmo as fotos tiradas por câmeras digitais não se transformam em álbuns manuseáveis. As consideradas melhores são exibidas nos álbuns das redes sociais *online* – muitás vezes após edições feitas por eles mesmos - e as outras aguardam um possível clique nos diretórios dos seus computadores pessoais e *pendrives*.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

4.4. Escrita de si e para o outro: a influência das redes sociais

Nesta seção, explorarei vestígios encontrados na interseção simbólica que abarca conceitos de amizade, homenagem, visibilidade, popularidade, reciprocidade e sociabilidade em relação ao que se escreve e como se escreve para o outro seja por manuscritos ou textos digitais. Laços de amizade contornam e inspiram continuamente a escrita de nativos digitais. Seja em papel, através de bilhetes, cartas e cartões de aniversario, cartazes e folhas de caderno, como em homenagens remediadas (BOLTER e GRUSIN, 2002) via MSN, depoimentos e recados no Orkut.

Expressão efusiva e recíproca principalmente (mas não somente) entre meninas, a busca pela palavra certa alimenta comunidades voltadas apenas para o oferecimento de textos afetivos prontos – febre do copia-e-cola da internet. Há jovens voluntários nessas comunidades dispostos a ouvir a descrição dos amigos ou enamorados e produzir textos personalizados em curtos espaços de tempo. A manobra, de tão difundida, pode ser reconhecida por nativos digitais, que valorizam a escrita autoral.

Escrever para o outro e receber a escrita do outro tem significado afetivo e necessário para habitantes de redes sociais. A estrutura de seus ambientes

favorece e incita manifestações explícitas, imediatas, hiperbólicas e públicas do que se sente e pensa das pessoas que compõem sua rede, principalmente entre amigos próximos.

A escrita oferecida se complementa com a escrita recebida, compondo o quadro de uma escrita que se inscreve na manifestação da amizade contemporânea adolescente de maneira indissociável. Nas memórias de Diana, a participação no Orkut alterou a forma e intensidade de prestar homenagem aos amigos em celebrações como aniversário. Antes de integrar esta rede social, a adolescente conta o seguinte:

> *Eu lembro que ás vezes a gente escrevia, quando era aniversario, cartão de aniversario. Escrevia sempre sempre sempre aquele negócio, colocava o nome da pessoa em pé e escrevia varias características das pessoas. Pras minhas amigas era mais ou menos isso que eu fazia, no máximo falava, "você é minha melhor amiga", essas coisas assim.*

Hoje os amigos trocam depoimentos – uma forma de prestar homenagem pelo Orkut - não somente em aniversários, mas em qualquer dia do ano. Amigos escrevem de maneira multimodal nesse mural público e deixam seus recados. As meninas publicam afetos com mais frequência, mas os rapazes pouco a pouco têm aparecido para manifestar sentimentos. Mesmo adotando tons de brincadeira e zoação, tem aproveitado o protocolo das redes sociais e escrever para o "outro":

Rosas são vermelhas,
Violetas são azuis,
Se você me der 1 real,
eu te dou um cuzcuz :D

Figura 18 – Scrap (recado) de menino para amiga

PARABÉNS MEU TCHUTCHUCO! AHAUHAUHAEUHAEUHAEUH
seu Avestruz Pelado Alado Viado, que perambula de sandália por aí...
NADA mais valioso que ter alguém ao lado (ou quase.. HUAEHUAE) que eu possa ter a certeza que não importa quão sem graça seja minhas piadas, ele sempre rirá! Não importa o quão feio eu seja, ele sempre falará que eu estou bonito! Não importe o quão gay esteja este depoimento, ele sempre dirá pros outros que é trauma de infância...

Meu **irmão**, a Paz será nosso lema. Compreensão será nosso lema. Amor será nosso lema.
Abç's de seu coleguinha [J]osta[C]oão!
PS: se vc não riu até agora, se mata, porque eu me matei de rir! HUAHUAEUHAEUH

Figura 19 – Depoimento de menino para amigo

Nesse contexto, a maneira de guardar o que se recebe por letras ganha novo contorno. Diana guarda e pendura no âmbito privado do seu quarto os cartões e bilhetes recebidos em papel.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Figura 20 – Cartas, bilhetes, cartazes e cartões

No aniversario de 15 anos, um objeto pode ser entendido como fronteiriço entre a manifestação publica e privada da escrita recebida. “Caderninho” foi um dos presentes oferecido por sua mãe, no qual convidados podiam lançar felicitações para a debutante. Durante a festa, “todo mundo” podia escrever nas entrefolhas, assim como ler o que “todo mundo” tinha escrito para Diana. A lógica de reforçar o valor da homenagem pela amplitude e visibilidade da manifestação do afeto se inscreve simbolicamente neste ato. A ocasião, no entanto, era tida como finamente especial e inscrita na celebração de um rito de passagem. Apagadas as luzes do salão, o “Caderninho” passava para a esfera privada dos guardados e memórias de Diana, sendo exibido de acordo com seu desejo e permissão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

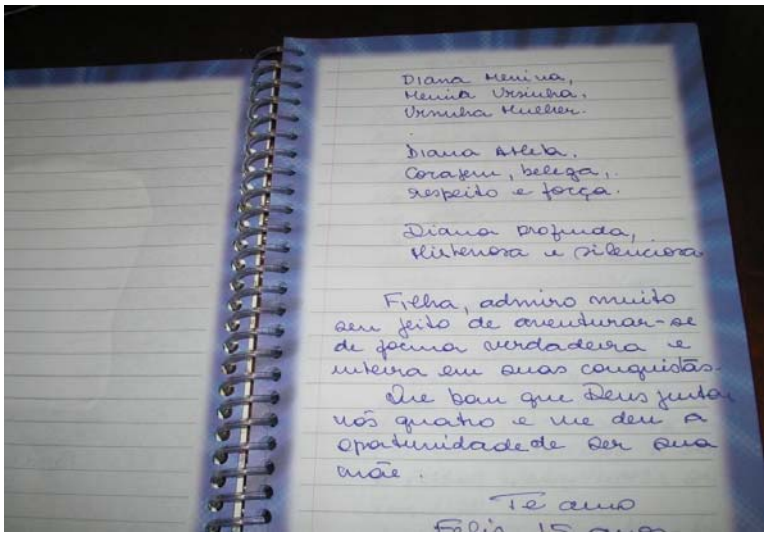


Figura 21 – Carta escrita pela mãe

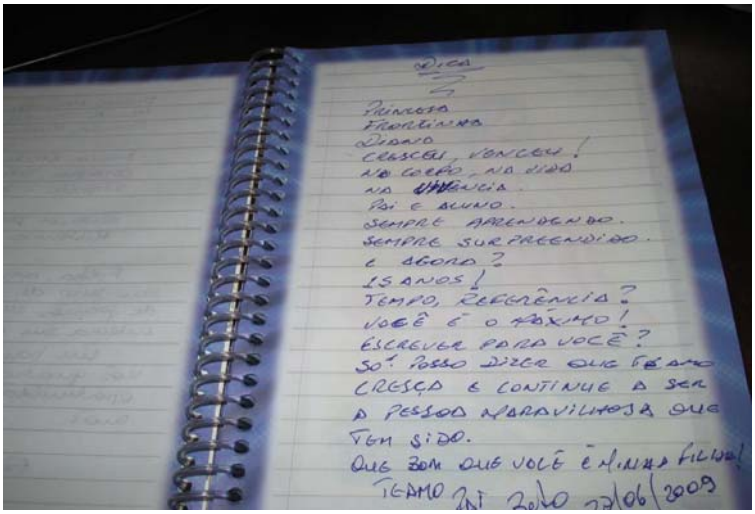


Figura 22 – Carta escrita pelo pai

Pode-se notar que a lógica da publicização da homenagem foi apropriada e reiventada pelo Orkut. Esvazia-se a necessidade de datas festivas para que a manifestação do afeto ganhe visibilidade. No caso do Orkut, o "Caderninho" passa a ser desprovido das restrições espaço-temporais-festivas e ocupa o espaço púbico virtual, se transformando em vitrine permanente de "depoimentos" recebidos. A pressão pela reciprocidade, nesse contexto, fica mais urgente, abrindo espaço para a cópia de textos, num jogo de manifestações publicas e padronizadas de afetos. Isabella conta:

> *Eu comecei a procurar esse negócio de "depoimento pronto" porque ás vezes a pessoa fala: ah, porque não sei o que, faz um depoimento pra mim, isso e aquilo... Tipo, eu não gosto de quem pede depoimento porque depoimento se conquista (Diana vira os olhinhos, brincando), a pessoa não pede. Mas ás vezes pra não ficar mal você manda. Ou então a pessoa te mandou um depoimento, mesmo que*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

você não tenha nada pra falar, mas pô. É muito ruim você aceitar um depoimento de uma pessoa e não mandar um de volta. Então você acaba mandando um em troca. Ás vezes você não esta com saco nenhum de escrever. Eu então ou copio um que já mandei pra outra pessoa ou eu ah, ta, vamos lá. Vamos ver um legal! Mas eu também não pego qualquer um, eu seleciono, escolho direitinho. Faço uma pesquisa, não é só pegar e copiar. Por exemplo, tem um outro aqui que eu escrevi um pedaço e copiei o outro pedaço.

A imagem abaixo reproduz tópicos do fórum de uma das comunidades mais populosas do Orkut, a voltada para a oferta de "depoimentos prontos". Na ocasião do acesso, o tópico "Depoimentos para amigos(as)" tinha recebido 487 recados, "Depoimentos para Família" 183 e de aniversario, 91.

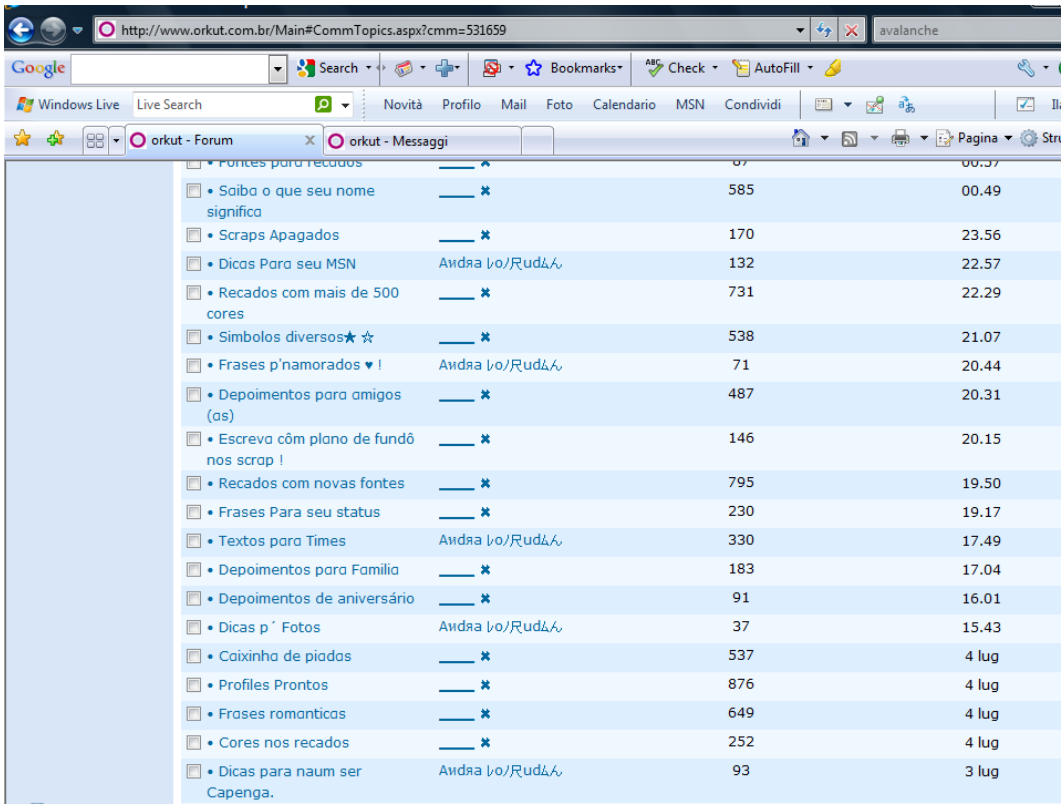


Figura 23 – Comunidade para depoimentos prontos

No tópico "Depoimentos para a família" as seguintes solicitações de textos prontos foram encontradas:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

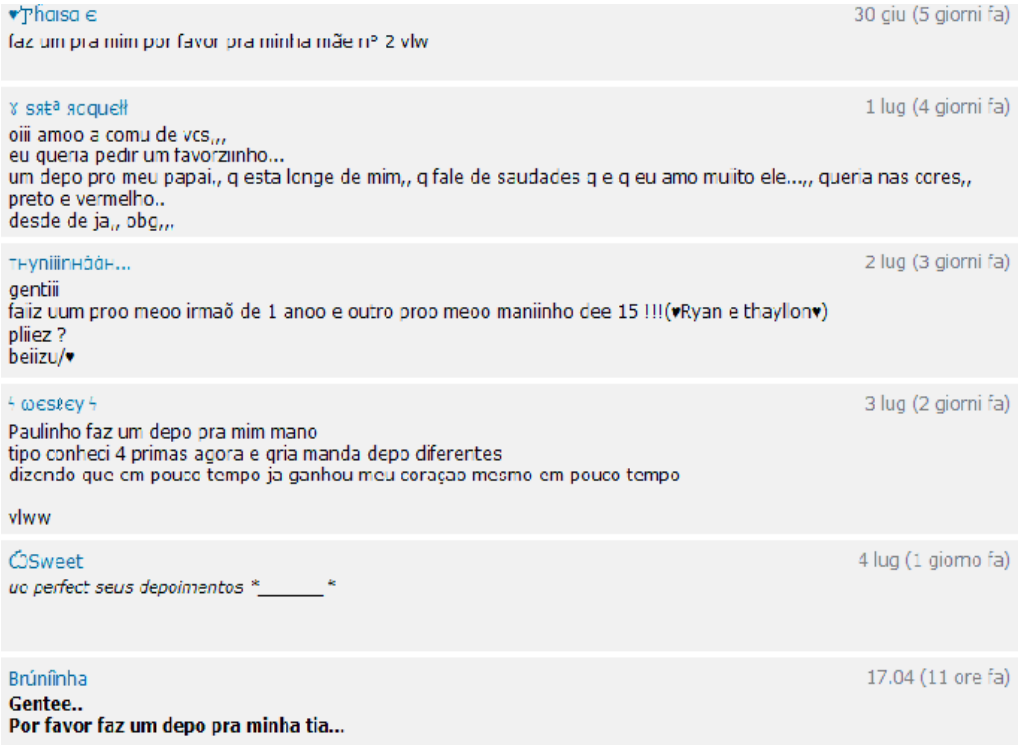


Figura 24 – Fórum com encomenda de depoimentos

O teor dos depoimentos escritos nos rituais de troca amistosa costuma ser enaltecido, exclamativo e romântico. Valoriza-se o amigo como sendo especial e fraterno, enfatizando a importância preciosa dos mesmos em suas vidas através de juras intermináveis. Os nativos digitais incorporam na escrita o uso do "te amo" e "para sempre" entre as frases e inserção de corações, símbolos, cores, formatações dos caracteres, o que parece indicar a padronização da manifestação afetiva. Abreviações aparecem com freqüência, compondo um formato de escrita oralizada com forte carga enfática e expressiva, incluindo uso de palavrões. Além desses pontos, a ausência de pontuação formal ou parágrafos pode dificultar a leitura e compreensão destas mensagens por pessoas que não sejam nativos digitais ou que não estejam familiarizadas com tal estrutura.

> *Amigaa c sabe que eu te amo pah caraaak neeh? esse vinculo de amizade que nós duas contruimos,ninguem pode e nem podera destruiir! pke eu tenho certeza que sera para seempre =)) pode ter certeza que eu seempre estarei ao seu lado,nos bons e nos malz momentos! Te amooo ♥'* (Depoimento recebido pelo Orkut, Lorena)

> *ela? bem 3 anos de amizade...loucuras..merdas...conversas..juntas com ela.. pessoa mt especial ...em tao pouco tempo representou mt... momentos fikarao quardado na memoria.. t amo.. conte sempre!*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

.....♥TE ADORO ♥ = ♥
.....♥TE ADORO ♥ = ♥
.....♥TE ADORO ♥ = ♥
....♥TE ADORO ♥ = ♥
...♥TE ADORO ♥ = ♥
..♥TE ADORO ♥ = ♥
.♥TE ADORO ♥ = ♥
.♥TE ADORO ♥ = ♥
.♥TE ADORO ♥ = ♥
..♥TE ADORO ♥ = ♥
...♥TE ADORO ♥ = ♥
....♥TE ADORO ♥ = ♥
.....♥TE ADORO ♥ = ♥
.....♥TE ADORO ♥ = ♥
.....♥TE ADORO ♥ = ♥
.....♥TE ADORO ♥ = ♥
.....♥TE ADORO ♥ = ♥
.....♥TE ADORO ♥ = ♥
.....♥TE ADORO ♥ = ♥

Migahhhhhh te amo d+++ cnt smp cmg..pro q der e vier.. bjos
Parabens meu parceiro!
td de boom pra você
desde pequenos tamos juntos nessa caminhada, agora um pouco mais distanciados mais nunca ausentes um na vida do outro!
pode contar sempre comigo pq eu te amo muleque!

Vincent-Buffault (1996, p.116) traz citação sobre a posição de médicos do séc. XIX que desaconselhavam as amizades apaixonadas. Os argumentos, temerosos pelas fontes de excitação capazes de gerar bruscas variações de humor e melancolia, seguiam na seguinte direção:

> É preciso reprimir nas jovens as amizades demasiado ternas, os pequenos ciúmes, os elogios excessivos, as adulações, os ardores, a afetação, o espírito de dissimulação, defeitos comuns de seu sexo. (LALLEMAND, 1884, p.18 apud VINCENT-BUFFAULT, 1996, p.116)

São exatamente essas expressões as mais encontradas nos depoimentos publicados no Orkut. Para Vincent-Buffault (1996), estas seriam características correspondentes a um código íntimo, expresso através do amor e da exigência de amor. A "amizade através da hipérbole da declaração e do tratamento" se configuraria como tempo para a descoberta do outro na formação do eu e para a vivência de uma idade pré-nupcial, pré-amorosa: os códigos de amizade e de amor se fundiriam pelo uso do sentimento e da sensibilidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

4.5. Webnovelas: o gênero fanfiction em perspectiva feminina e latino-americana

A inclusão do universo da leitura e escrita de fanfictions e webnovelas – desconhecido até então - como objeto de pesquisa não estava previsto para este trabalho. Este foi sendo construído ao longo de trabalho do campo como consequência da proposta inicial: seguir os caminhos da escrita de acordo com os movimentos e preferências dos nativos digitais. Não tinha definido à priori nenhuma das suas linguagens específicas para evitar que o aprofundamento em um gênero engessasse a visão do conjunto de práticas nas quais estão emersos, meu objetivo principal. O tema surgiu de surpresa, então, no terceiro encontro presencial com Isabella, 14 anos, uma das cinco jovens que acompanhei em suas residências, quando esta me contou participar de uma comunidade de "webnovelas" sobre a banda Rebelde[3] (RDB) no Orkut[4].

Dessa maneira, foi durante a quase finalização do trabalho de campo que passei a prestar atenção no universo de webnovelas, não sendo mais possível nem defini-lo enquanto objeto único de pesquisa como deixar de aborda-lo com certo rigor, respeitando e incluindo suas manifestações peculiares como práticas contemporâneas de escrita. Essa opção trouxe perdas e ganhos: a descrição analítica das principais lógicas que presidem a escrita das webnovelas foi desenvolvida, mas grande parte do material coletado online, como será explicitado mais adiante - 200 questionários com 30 perguntas abertas respondidas por leitoras e escritoras deste gênero em todo o país, assim como cópias de suas historias - não pôde ser analisado e incorporado aqui.

Levando em consideração que esta frente de pesquisa sobre o estudo de comunidades digitais de escrita juvenil ampliaria o objeto da tese antes delimitado para proporções exacerbadas, optei por não abordar profundamente o tema neste trabalho, mas aproveitá-lo para a escrita de artigos[5].

---

[3] RDB é um grupo musical criado por jovens protagonistas da novela mexicana Rebeldes, exibida a partir de 2004. O disco de estréia da banda atingiu a marca de 500.000 cópias vendidas no México.

[4] O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. No Brasil é a rede social com maior participação de brasileiros, com mais de 23 milhões de usuários e o site mais visitado.

[5] Este capítulo, transformado em artigo, foi aceito para publicação na antologia internacional *Blackwell Handbook of Gender, Sexualities and the Media*, em 2011, pela editora inglesa Wiley-Blackwell.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Desde o primeiro encontro Isabella me contou gostar de trocar cartas manuscritas com suas primas e amigas, que mandam "cartas, fotos também, pôsteres, fotos da banda (Rebelde), *cards* e mais um monte de coisa. A maioria sobre Rebelde". Sua motivação para participar da comunidade partiu, então, do seu envolvimento como fã[6] da personagem Dulce Maria – retratada nos principais espaços do seu quarto: mural, pôsteres, cadernos, revistas, livros, trechos de letras de músicas na sua página pessoal do Orkut, músicas, fotos impressas, digitais e vídeos.

Figura 25 – Mural de fã

Figura 26 – Pôster de Dulce Maria, RDB

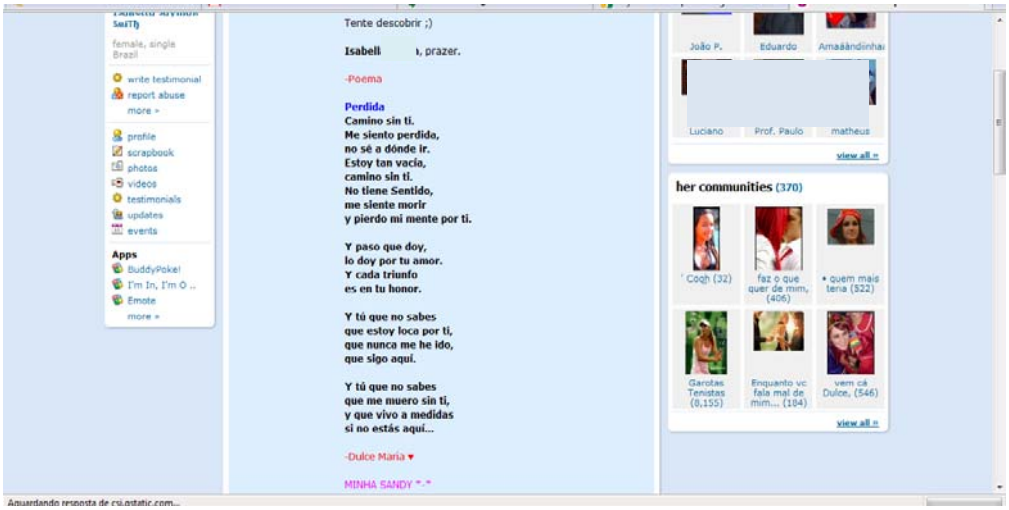


Figura 27 - Poema de Dulce Maria no perfil de Bella

[6] Este comportamento pode ser visto como característico do fenômeno "fandom": fãs de atores de cinema e televisão, celebridades, atletas e personagens da indústria musical que fazem parte de grupos que colecionam avidamente materiais sobre os mesmos (ALVEMANN e HAGOOD, 2000; VARGAS, 2005). A idolatria feita por adolescentes a celebridades é abordada por Engle &Kasser, 2005.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Ao abordar as webnovelas, Isabella preferiu não explorar detalhes. Comecei a entender melhor tal gênero alguns dias depois, enquanto conversávamos pelo MSN. Através da troca sincrônica de mensagens, Isabela não só indicou três "webnovelas" que estava lendo como avaliou o conteúdo das histórias como sendo "picante mesmo", "tem coisas que criança não pode ler" , "portanto que nas censuras os criadores põem: Você sabe o que lê". Ela explica que a maioria dos escritores de webs são *fakes* e logo depois conserta: "todos são".

Sigo para o campo virtual com essas pistas. Uma comunidade de fãs do grupo Rebelde, composta por jovens que usam perfis *fakes* e se inspiram na vida dos cantores imaginando possíveis pares românticos para escrever histórias e publica-las no Orkut, com conteúdo "picante". Aproveitei a chave e o link deixados por Isabella e pedi para entrar nesta comunidade virtual[7] criada em 2006, na ocasião da pesquisa com quase 37 mil membros e na qual diariamente são postados inúmeros recados, capítulos de histórias, vídeos e fotos. Após aceita, abro um tópico no fórum e disponibilizo um questionário.

No mesmo momento uma das moderadoras da comunidade, Aninha, leu minha mensagem e veio "conversar" comigo através da minha página de recados no Orkut:

> *Eu estou nessa vida de fanfic há mais de 3 anos. Há um tempo atrás eu estava pensando em algo parecido com o que vc está fazendo. Até tinha comentado com uma amiga minha. Eu nunca vi um trabalho ou pesquisa acerca disso, nunca vi ninguém dando importância ao que essas meninas escrevem. E tem histórias boas, sabe? MUITO boas. Vc observa o quanto algumas meninas vão evoluindo na escrita.Acho muito importante valorizar esse tipo de "literatura" (Acho que não posso chamar assim, mas não arrumei outra palavra), pois são naqueles tópicos que essas meninas se expressam todos os dias. Não só as leitoras como as escritoras...Quando eu acessei a internet e fui à comunidade, fiquei muito feliz de encontrar o seu tópico. Pode deixar que eu vou fazer divulgação e vou pedir às minhas leitoras e amigas escritoras que participem*. (*Scrap* no Orkut - Aninha, 20 anos, Bahia)

A parceria com Aninha foi fundamental8. A chamada para a pesquisa foi colocada por ela grifada em cor de rosa na página principal da comunidade na internet – o que ofereceu credibilidade ao questionário. Isso indicava que a

[7] Vantagens da etnografia digital para pesquisas sociais são exploradas em detalhes por Dhiraj Murthy (2008).

[8] Para entender a lógica das webnovelas, Aninha foi fundamental. Mesmo não sendo mais uma nativa digital, por estar com 20 anos, tem longa experiência neste universo como leitora e escritora de *fanfics e webnovelas*, se transformando no "meu Doc" (FOOTE-WHYTE, 1990) – ou seja, aquela que me abriu portas na comunidade para contato com membros, além de se mostrar sempre disponível para tecer explicações. Aninha disponibilizou por e-mail a "revista oficial" da comunidade de webnovelas escrita (trecho em anexo).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

investigação era autorizada e contava com o apoio das moderadoras, o que deve ter contribuído para o grande número de respostas recebido em apenas seis dias: 65 questionários com 31 perguntas abertas foram enviados para o meu e-mail ou postados no tópico da comunidade aberto por mim, espaço esse que alcançou a marca de 987 *scraps* (recados) no mesmo período.

A disponibilidade dos membros também foi notória. Caso eu tivesse alguma dúvida em alguma resposta e enviasse um e-mail ou postasse uma pergunta no tópico pedindo maiores informações, todos os membros me respondiam prontamente, oferecendo novos esclarecimentos. Nos dias 14,16,18 3 19 de junho de 2009 foram organizadas conversas coletivas através do tópico.

O questionário também foi divulgado em outras nove comunidades digitais – todas específicas para a escrita de webnovelas ou *fanfictions*. Após três semanas de divulgação e acompanhamento dos tópicos nessas comunidades virtuais, 2009 respostas online foram enviadas por jovens e nativos digitais de diferentes cidades brasileiras. Para trabalhar com este porte de dados o uso do software Atlas.ti foi fundamental no auxílio para a produção de relatórios analíticos. Nesse conjunto, a maior parte das escritoras é estudante de escola privada, apenas 27 são matriculadas em escolas públicas. Todas possuem pelo menos um computador em casa com conexão à Internet, além de uma média de 20 livros e dezenas de revistas em seus quartos - o que no contexto brasileiro já denota um corte econômico privilegiado.

> *Hoje em dia não imagino entrar na internet sem ir procurar as webs que eu leio diariamente.* (Carol, 15 anos, Rio Grande do Norte)

> *Todos os dias passo em cada uma no mínimo umas 3 vezes!!!! Viciadaa!!!* (Debora, 14 anos, Ceará)

O que será que as webnovelas possuem de tão atrativo ao ponto de mobilizar jovens de todo o país para a leitura e escrita de historias na internet? *Fanfictions* são histórias livres, escritas por fãs de atores, integrantes de bandas musicais, personagens de livros, quadrinhos, mangás ou filmes, ou seja, por fãs de grandes produções divulgadas pela grande mídia. Embora a estrutura da *fanfiction* seja a mesma da adotada pela webnovela, o termo webnovela foi construído por

[9] Como selecionei apenas as respostas dos jovens com idade ate 16 anos para categorização no software Atlas.ti, esse total caiu para 155 respostas. Apenas 11 questionários foram respondidos por meninos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

adolescentes mexicanas para distinguir e demarcar a produção feita por fãs de um formato que até então não tinha sido incorporado ao universo das *fanfictions*. A origem e inspiração para as histórias não vinha de personagens de filmes, quadrinhos ou livros, mas pela primeira vez, do enredo e personagens de uma telenovela: neste caso, a telenovela mexicana Rebelde. Pode-se dizer, então, que as webnovelas são uma subdivisão de fanfictions adaptadas ao contexto de consumo latino-americano de telenovela adolescente.

Nessas criações, os ídolos passam a ser personagens de cenários, dramas, romances e aventuras inventados pelos fãs. Embora histórias de fãs sejam publicadas em diferentes espaços10, para este trabalho analiso exclusivamente a escrita divulgada em comunidades do Orkut. Um ponto importante nas *fanfictions* é que os enredos das histórias são inspirados em pares românticos formados pelos seus ídolos. As escritoras precisam imaginar e formar algum casal como preferido (Shipper) e torna-lo protagonista de romances, suspenses e, principalmente, de aventuras sexuais. As escritoras de webnovelas (ou "ficwriters", como se denominam), participam de centenas de comunidades no Orkut que reforçam este imaginário de paixão e sensualidade.

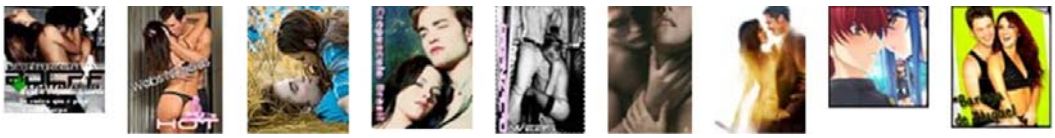


Figura 28 - Fotos das comunidades frequentadas pelas "*ficwriters*"

Os adolescentes contam ter entrado em contato com as webnovelas por indicação de amigas, primas ou por acaso, procurando informações sobre seus ídolos ou personagens preferidos na internet. Para os adolescentes que afirmaram não apreciar a leitura anteriormente, livros como *Harry Potter, Twilight* e bandas como Rebelde foram as maiores motivações citadas. Entre os que disseram que "sempre" gostaram de ler, mesmo antes do contato com as webnovelas, foram citados bisavôs e avós que liam histórias para eles quando pequenos, pais jornalistas que estimulavam a leitura em casa, mães que amam ler, pais que

[10] Nos questionários também foram feitas referencias aos sites: www.fanfiction.net; http://twilightfics.com, http://fanfiction.nyah.com.br. A grande maioria das respostas, entretanto, assinalavam o Orkut como o espaço privilegiado para a publicação das fanfictions e webnovelas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

traziam livros ou gibis das viagens de trabalho e pais professores: memórias fundamentais para suas formações como leitores. Em nenhum caso a escola foi lembrada como um espaço prazeroso de imersão literária.

Não foram os pais, como se pode imaginar, que os apresentaram às webnovelas. Após o primeiro contato com este mundo, os adolescentes contaram entrar nas comunidades virtuais diariamente, passando grande parte dos finais de semana acompanhando as (muitas) histórias, em média oito ao mesmo tempo. Todos os entrevistados dizem ler online, imprimindo apenas as webnovelas consideradas "realmente muito boas".

> *Eu nunca gostei de ler, eu mal lia os livros que o colégio pedia, só alguns que eu realmente achava bons, achava a leitura coisa cansativa, e quando eu virei fã do RBD tudo isso mudou, eu comecei a ver a leitura com outros olhos, já não achava mais aquela coisa cansativa, era legal ler, além de você poder sempre discutir, e falar as coisas que você não gostava nos personagens e o que você gostava, fazer amizades, enfim, era uma experiência nova, e eu adorei poder aprender a gostar de ler ...:D* (Duda,16 anos, São Paulo)

Nas comunidades de webnovelas, nem todas as leitores são escritoras. As que gostam de escrever, grande maioria, citam como incentivo para a dedicação à escrita a capacidade de "desabafar", "expressar sentimentos", "distrair", "liberar emoções". Escrever na internet e receber a aprovação do público é tido como um grande estímulo, algo realmente compensador.

> *Acho legal poder criar minha própria (sic) histórias acho divertido. Mais legal ainda é quando você mostra sua história para alguém e esse alguém lê e gosta. É muito bom.* (Thais, 12 anos, Pará).

> *Fora da internet eu sou muito tímida, então, quando eu estou aqui nesse "mundo" eu me desprendo de toda e qualquer timidez. Inclusive eu encaro isso como uma terapia, quando eu me sinto triste.* (Lucianna, 13 anos, Maranhão).

> *Escrever me deixa tão animada quanto ler. Acho que sou boa em escrever, mas o que realmente me anima é saber o quanto os leitores estão entusiasmados pra saber a continuação; me deixa feliz saber que eles estão gostando de uma coisa que foi criada por mim* *-* (Rebeca, 13 anos, Pará)

> *Adoro expor as ideias que aparecem na minha mente, eu adoro expressa-las e ver que as leitoras da comunidade aprovam, que gostam, você se sente especial, como se você realmente fosse autora de um best-seller e que logo seu livro se tornaria um filme.* (Gabriella, 14 anos, São Paulo)

As autoras preferem escrever usando computador porque "é mais simples", "prático", "fácil de postar", "as idéias fluem com mais facilidade", "os erros são corrigidos pelo Word". Dizem preferir escrever à mão em raríssimas exceções,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

como no caso em que a inspiração aparece quando não estão com o computador por perto. Caso contrário, sentem preguiça de usar o papel e a caneta.

As webnovelas não são disponibilizadas para os leitores de uma única vez, de forma acabada como um livro impresso – mesmo que grande parte da história já tenha sido escrita - mas postadas *online* pouco a pouco. As *fanfictions* e webbnovelas costumam durar de seis meses a um ano, sendo escritas, acompanhadas e comentadas diariamente. Quando uma *web* é bem aceita, costuma chegar a mais de 5000 *scraps* (recados) no período, alcançando duração de dois ou três anos seguidos e uma legião de fãs. Segundo as jovens entrevistadas, umas das diferenças entre ler uma web e ler um livro são as seguintes:

> *Quando você le uma fanfic online você pode ver os comentários sobre o que os outros acham da fic e também falar para a autora. Acho isso muito legal.* (Bruh, 15 anos, São Paulo)

> *Um livro é pronto, se você for na ultima página já sabe o final, agora a fanfic não, você tem que esperar, acompanhar toda a história até chegar no final*. (Gabriele, 13 anos, Rio Grande do Sul)

Este espaço para o suspense, contato direto com o autor e possibilidade de interagir com o que está sendo publicado e fazer novas amizades parece ter grande força e apelo entre os jovens entrevistados. As webnovelas são predominantemente escritas por meninas. Além disso, as adolescentes dizem que: "o livro não relata muito a vida adolescente, e as *fanfiction* sim" (Carolina, 14 anos, Porto Alegre), "prefiro as *fanfics* porque elas são feitas por nós e para nós" (B, 13 anos, Pernambuco), "as *fanfics* são em sua maioria escritas por adolescentes que tem mais ou menos a mesma idade que eu, e a linguagem é bem simples, direta, tem gírias" (Lisa,14, Pernambuco). O trecho abaixo traz um exemplo de como as webnovelas são apresentadas pelas *fic-writers*: são elas que decidem o gênero, a classificação (maiores de 14 anos, no caso abaixo) e divulgam a sinopse.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

‹ Lina_ 31/03/2009

[FIC]x Fast And Furious

Nome: Fast And Furious.
(Velozes e Furiosos)
Autora: Lina Limão (eu)

Gênero: Ação/ Romance.

Classificação: Maiores de 14 anos. (tô nem ai e_e Vai ter insinuação de sexo, vai ter agarração e vai ter vocabulário impróprio. Mas se tu com dez anos for mais pervertido que Jiraiya, pode ler e sinta-se a vontade, só não diga que eu não avisei u_u)

Disclaimer: Naruto não me pertence, Harry Potter não me pertence e Crepúsculo não me pertence, mas não precisa jogar na cara i_i

Sinopse: Rachas e Corridas de rua. Tudo isso é muito comum nos EUA. O problema é quando o amor entra em jogo. Carros turbinados, corridas emocionantes, amores saborosos e todos os sabores e vontades de amizades fortes, de fugas mal sucedidas, de brigas e mortes e de toda uma paixão pela velocidade alta.

Figura 29 – Lançamento e sinopse de *fanfiction*

A forma como classificam as histórias que escrevem merece atenção especial. Essas jovens dizem gostar de escrever gênero "Lemons" (eróticas) e muitás vezes não indicam claramente o endereçamento etário, justamente por não concordarem com censuras. Preferem dizer: "Você sabe o que lê 😳".

Quando a autora Lina Limão observa que "Naruto não me pertence, Harry Potter não me pertence e Crepúsculo não me pertence, mas não precisa jogar na cara i_i" está fazendo referencia irônica à apropriação que as *fic-writers* como ela fazem dos personagens de histórias célebres. Por mais que utilizem os personagens e ídolos já conhecidos do grande público, se sentem livres para colocá-los em cenários e situações novas. Esta fala veste tom de crítica aos que vêem nas *fanfictions* e webnovelas comportamento reprovável por burlar leis de direitos autorais (JENKINS, 2009). Ser uma escritora de webnovela exige tempo, dedicação e nervos. Há uma grande pressão para que as histórias sejam produzidas e, além disso, as leitoras podem se comportar de maneira feroz. As leitoras assíduas são capazes de fazer "campanhas" pela webnovela, deixando centenas de recados copiados no tópico, contagens "rumo a..." elogiando e tornando a web popular, mantendo-a em destaque na comunidade do Orkut.

No álbum de fotos da dupla de escritoras favorita de Isabella, encontrei a imagem de uma "campanha", que surgem quando seguidoras se mobilizam em grande número no tópico para chamar atenção da(s) escritora(s). Por esta imagem é possível perceber que o fato de terem alcançado 1000 posts em oito dias é questão de orgulho. "Upar" uma webnovela significa deixar o recado "*up*" no tópico em que está sendo publicada, para que apareça no "topo" da comunidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Estas preocupações podem ser entendidas, para Bruyin (2006) como fundamentais para a disputa e alcance da desejada popularidade entre pares adolescentes.

Figura 30 – Campanha por webnovela

As autoras agradecem às seguidoras neste espaço, com as letras em negrito. O *print screen* abaixo retrata a campanha "Você sempre me trará de volta!", na qual jovens copiam e colam a mensagem "Prefiro morrer amanhã do que ter vivido mil anos sem conhecer essa Web, esse amor e claro a Cherry". Cherry é a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

autora da webnovela e deixa um recado, agradecendo à participação de todos: "Vocês são mto mto lindas, sério mesmo". Esse modo de atrair a atenção das escritoras não é bem visto por todos os membros. Se para ~ ♡ Geyse (14 anos, Goiás) "campanha de vez em quando é chato, mais cara, é um jeito de dizer que tu gosta da web e quer post!", em uma das conversas coletivas, Aninha diz que "odeia as tais campanhas porque desorganizam o tópico e por ser um monte de nada só pro tópico ter muito nº".

> *Eu acho que a questão da popularidade é um dos maiores problemas das web novelas. Vou explicar o meu ponto de vista. Quando tudo começou, as pessoas escreviam para se divertir, fazer amizade, para trocar ideias. Mas o tempo foi passando e algumas escritoras tornaram-se bastante conhecidas por causa das histórias que escreviam. Antes as coisas eram na paz. As escritoras se davam bem e tudo mais...Depois de um tempo a coisa tomou outro rumo. Umas começaram a competir com as outras. Muitas se acham a última árvore da Amazônia por ter bastante nº em tópico ou pessoas na comunidade. Aí vem a arrogância de só postar com determinado nº de comentários, de achar pq tem muita gente na comunidade da web é a melhor...Algumas se denominam as POPs. Já vi muita "amizade" se desfazer por uma querer se achar melhor do que a outra.O pior é que tem muita leitora que aceita certo tipo de exigência e fica babando ovo.*
> (Aninha, 20 anos, Bahia, Conversa coletiva, 19 de junho)

Káh (19 anos, São Paulo) complementa, dizendo: "Pior que campanha são as campanhas "floodadas"[11], que a pessoa faz mil vezes no mesmo post, daí tu nunca encontra os posts porque as páginas são imensas". A facilidade de transformar o tópico em labirinto devido ao excesso de mensagens faz com que as autoras criem um tópico a parte apenas para divulgar "perdidos". Perdidos são tópicos nos quais a divulgação da webnovela é publicada sem interrupções, comentários dos fãs, campanhas, resposta da escritora ou greves. Seria a versão final e "limpa" da webnovela.

[11] Usa-se "flood" na internet para dizer que algo foi "inundado" por lixo, coisas toscas, etc.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

700 e meeeu *--*

POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA
POSTA POSTAPOSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA
POSTA POSTA POSTA POSTAPOSTA POSTA POSTA POSTA POSTA
POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTAPOSTA POSTA
POSTAPOSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA
POSTAPOSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA
POSTA POSTA POSTAPOSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA
POSTA POSTA POSTA POSTA POSTAPOSTA POSTA POSTA POSTA
POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTAPOSTA POSTA
POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA
POSTAPOSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA POSTA
POSTA POSTA POSTA

Figura 31 – Campanha “floodada”

Sobre o comentário de Aninha (20 anos, Bahia) às situações que leitoras se submetem aos caprichos das autoras das webs, recebi alguns depoimentos. As chamadas “greves” causam revolta em membros como Nanda (22 anos, Belo Horizonte) e Marci (18 anos, Pernanbuco):

> *Ah e as greves! Noooossa, tem cada greve insignificante! Puts! Sem contar quando falam: 'só posto até tal de número de coments' Se eu estiver lendo uma web e a autora depender de mim pra postar mais, ela abandona a web Eu não vou ficar um dia inteiro em um tópico postando 1, 2, 3, +, posta, e mais N coisas do tipo para chegar ao nº q ela estipulou. Acho isso sacanagem com quem lê. Eu tenho a seguinte opinião: Se uma pessoa decide escrever, ela escreve e posta por livre e espontânea vontade. Os leitores não tem que "pagar" para receber esses posts. Tem autoras que acham que nº é uma forma de falar que a web tá boa, que a web é a melhor, que nº vai fazer ela ser a melhor. Eu não acho isso. Minha primeira web teve 30 mil post e nem por isso vou sair por aí me achando a melhor escritora do GFF por ter uma web tão bem "movimentada". E outra, prefiro uma web com 1000 post que sejam todos de conversas com minhas leitoras e elogios ou até*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

> *mesmo criticas construtivas da minha História do que um tópico com 70 mil postagens com comentários falando nada.* (Conversa coletiva online, 19 de junho)

Por outro lado, as leitoras exigem satisfações por parte das autoras, regularidade e intensiva produção. As mensagens abaixo ilustram essa preocupação:

> "ai gente, nem deu tempo de escrever mt. fui comer, dpeois tomei banho, e só deu tempo de escrever uma pagina :/ mas vou postando e escrevendo, tá?
> meninas, MIL DESCULPAS PELA LENTIDÃO! é o seguinte, minha mãe não para de me enxer a paciencia, tive que ficar com minha irmã, agora to jogando com ela -.- então to escrevendo bem devagar.
> muito obrigada pelo carinho, pelos 'rumos'. nunca vou abandonar voces, sério, escrever pra voces agora virou vicio! HUAHAUH to escrevendo, lentamente, mas estou! espero que estejam gostando c.ç " Cherry

Figura 32 – Contato de autora com leitoras

As leitoras fazem pedidos para alteração da história ou pedem satisfações caso a trama receba rumos inesperados. No exemplo abaixo, a leitora Marina demonstra seu descontentamento e decepção pelo destino dado a um dos personagens:

> *#*Marina*
> aahhhhhhhhhhhhhhh
>
> cherry vc matou o pablo???quer dizer o cara matou o pablo?????
> diga q não porfa ele era legal,e eu ja tava gostando dele.
> quem eh esse loco,não dexa ele maxuca o chris
>
> fikei horrorisada com o passado do chris
> os pais dele rejeitaram ele
> e ele usou droga,tadinhoooo,deve ter sofrido pacas.
>
> NÃO MATE O CHRIS!!!!!!!!!!
>
> *#*Marina*
> ahhh não.o pablo morreu msm
>
> eu não consigo acreditar.
> eu não consigo acreditar.
> Pobre Pablo .-.
>

Figura 33 – Contato de leitora com autora

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Pelas trechos acima torna-se nítido o quanto sites de redes sociais facilitam as possibilidades de co-produção da narrativa e da participação, alterando estratégias narrativas e a relação entre autoria e autoridade (HARRISON & BARTHEL, 2009). No mundo digital, a autoria é indefinida, colaborativa e instável. O leitor intervém agressivamente em forma e conteúdo da história, alterando-o de formas graves (FRIEDLANDER, 2008).

Como vimos, as autoridades institucionais, tais como pais e professores, não estabelecem normas de escrita e protocolos, nem são posicionados como especialistas em ensino. Nesses espaços, pelo contrário, as normas e critérios para a participação estão localizados em pares e comunidades baseadas em interesses, oferecendo nova forma de status social e reconhecimento (ITO *et. al.*, 2009). Webnovelas são feitas por fãs para fãs adolescentes sem aconselhamento parental, nas quais os erros de português, abreviações e falta de acentuação são comuns nos recados deixados pelas jovens.

A escrita digital comporta, para Anis (apud COSTA 2005, p.108) um hibridismo lingüístico, no qual o oral e o escrito se integram na constituição de uma "escrita oralizada", de um "falar escrito" ou de uma "escrita espontânea rápida". Quando perguntados sobre o que acham da premissa que jovens não gostam de ler ou que o "internetês" prejudicará a apropriação da norma culta da língua portuguesa, os discursos foram inflamados:

> *Eu descordo (sic) completamente. Sou adolescente, e o meu tempo livre é gasto com livros (fanfics também) e gasto para escrever. Televisão eu quase não assisto mais, é raridade. Sabemos diferenciar quando e como usar a linguagem da internet. Não somos burros. Rs.* (Bruna, 15 anos, Brasília)

> *Nada a ver cara. Vou usar como exemplo essa comunidade aqui. As pessoas podem até escrever errado na internet, mas olhe quanta gente escreve perfeitamente bem. Se não fossem as fanfics, muitos adolescentes não saberiam escrever direito. Comunidades assim incentivam a gente a ter gosto pela leitura e pela escrita. Quanto à escrita errada, depende de cada um. Se você vai ou não deixar a internet acabar com a sua escrita, ou se você vai saber separar os dois "mundos".* (Camis, 13 anos, Rio de Janeiro)

> *(...) os escritores do Brasil gostam muito de complicar, Guimarães Rosa pode ser o que for, mas um jovem ler aquilo é um saco, uma escrita completamente estranha pra gente, entao acho que um livro atual é mais facil de um jovem gostar da leitura.* (Guilherme, 16 anos, São Paulo)

> *Não, pois somos suficientemente capazes de distinguir o que é certo e errado na hora de escrever seguido a norma padrão da escrita e não é correto afirmar que*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

> *jovem não gosta de ler, só não se interessa pelos assuntos geralmente abordados na escola, preferem um tema mais casual, mais interessante*. (Isabella, 15 anos, São Paulo)

> *O internetês não é algo tãão ruim assim (apesar de eu quase não usar), só precisamos saber onde usá-lo.* (Patrícia, 16 anos, Rio de Janeiro)

As webnovelas comportam a inserção de música e videoclipes como trilha sonora[12] para determinados trechos. Logo após publicar uma cena na qual um dos personagens cantará uma música, a autora divulga um vídeo do Youtube com a seguinte explicação "Música que Christopher vai cantar, Imaginem ela com a voz rouca e sexy dele, primeiro vejam com a cena, depois se quiserem, vejam a tradução com o vídeo :)".

Tendo em vista que a digitalização possibilita multimodalidades ou digital remix (LANKSHEAR & KNOBEL, 2003), combinações de discurso, música, textos, imagens e vídeos podem ser feitos através de uma única interface. Certas autoras criam, por exemplo, cartazes digitais para divulgar suas webnovelas:

Figura 34 – Cartazes de *fanfics* e webnovelas

O fator "hot", "picante", "sexual" é um dos mais explorados pelas webnovelas adolescentes. A utilização de perfis *fakes* para a escrita e leitura de tais histórias costuma ser associado, então, à necessidade de se sentirem mais livres para expressarem fantasias. Jovens autoras explicam:

> *Na maioria das webs tem cenas hot e na minha não é diferente. Minha mãe adora orkut e o meu é o favorito dela. kkkk Tipo, ela fuça o meu todo dia, se eu começasse a escrever com meu orkut off minha mãe ia ver a webnovela e ia ver as cenas hot e daí o clima pega fogo em casa. E também meus amigos do colégio, ia ser estranho se eles virassem meus leitores, exatamente por causa dessas cenas. AUAHUSAUSASHAU*

[12] A inserção de músicas e vídeos na composição de uma história baseada personalidades midiáticas pode ser entendida como uma das facetas da "cultura da convergência". Convergência como "um processo cultural que refere-se ao fluxo de imagens, idéias, histórias, sons, marcas e relacionamentos através do maior número de canais midiáticos possíveis, um fluxo moldado por decisões originadas tanto em reuniões empresariais quanto em quartos de adolescentes" (Jenkins, 2009).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

> *Minhas webs ela (minha mãe) não lê, principalmente por ter cenas hots.* (Lee, 16 anos, São Paulo)

> *Já escrevi meia webnovela com uma amiga, mas nossos pais quase decrobriram, então deletamos o pefil e quebramos o CD no ual slvávamos o que escrevíamos. Depois disso nunca mais me arrisquei. Hoje guardo minhas escritas secretas em um pendrive ou em um micro caderno, ambos dentro de uma "valise" com senha, dentro do armário!* (Pitanguinha, 16 anos, Rio Grande do Sul)

Adotar um perfil *fake* também evita, segundo as autoras, que "pessoas gostem de você por sua forma física ou beleza", mas pelo jeito que escrevem. Além disso, "quando você escreve com *fake*, sente-se mais segura para mostrar suas histórias ao público, e de ser mais aceita". Quase todos os perfis *fakes* são elaborados com fotos de avatares de seus ídolos e montagem de fotos e videos dos mesmos – cantores e casais da banda Rebelde, protagonistas do filme *Twilight* e *Harry Potter*.

Figura 35 – Fotos de perfis *fakes*

Mas por que os *fakes* são montados com fotos dos ídolos ou de mulheres adultas e sensuais? Uma leitora diz que se sente tão parecida com sua personagem preferida "que chega a parecer loucura". Para Tassel (2009) este comportamento tem se mostrado comum diante da ameaça da puberdade. O prazer da *performance* camufla o temor inconsciente de ser excluído - essa performance que nos permite identificar aparatos simbólicos da linguagem contemporânea no que concerne à construção da identidade. A autora reflete sobre as angústias relacionadas ao corpo e à sua imagem analisando as modificações em seus corpos através das tecnologias e as representações de si mesmos, principalmente entre adolescentes.

> Estes afetos negativos, projetados e condensados sob todas as formas da imagem – visual, auditiva ou sinestésica –, negam, então, um corpo também insatisfatório, culpado e incerto, sentido às vezes como monstruoso.Esses afetos negativos encontram refúgio e resistência junto às representações frequentemente em conformidade com uma imagem do corpo fixa e estereotipada,em pseudônimo, seja ela de um corpo em ruptura ou em conformidade. Deste modo, a fixação a estas modalidades virtuais se reduz:– seja ao corpo fórmula, que responde a uma

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

> identidade já realizada, elevada à tirania do dever ser e à mediocridade da condição anônima. (TASSEL, 2009, p.112)

Jovens normalmente costumam devotar atenção especial à construção e apresentação do "self" no cotidiano. Sites de redes sociais convidam à utilização de uma linguagem especifica. No universo de convergência possibilitado pelas janelas de um computador pessoal, adolescentes utilizam espaços como o e-mail, mensagens instantâneas, criação de websites ou perfis, exposição de diários e de álbuns de fotos, download e upload de vídeos e publicação de textos como constituintes de suas identidades, estilos de vida e relações sociais. Novos letramentos tem sido percebidos, principalmente entre as mais novas gerações ocupadas com a "decoração do *self*" digital (LIVINGSTONE, 2008).

O uso de caracteres "estranhos" também apareceu com força nos questionários respondidos pelo Orkut sobre webnovelas. Como vimos anteriormente na seção sobre o MSN, a maneira como principalmente os nativos digitais escrevem seus *nicknames* é muito particular. Tanto os investigados presencialmente quanto as leitoras e escritoras de webnovelas não usam as letras comuns, mas procuram inverter letras, inserir caracteres especiais e símbolos

como forma de diferenciação. São alguns exemplos:"•▬●•máŕ ϟ amanda ~B³

Van der Woodsen Cas (: - Jenny&Gby ϟ caroline_¢rosswalk ≈ Fαan* -

>Gabriel-Sama• ₮Ħ giisa Thαísα ♫∫ SaαH ʒwєEт ~ Picαnnєlαα ♥".

Abaixo inseri cópia das primeiras páginas de uma webnovela para exemplificar algumas de suas características. Em primeiro lugar, a contagem dos recados. No *print screen* a seguir, a tela indica que o tópico para esta webnovela já tinha recebido 1.668 recados desde o dia em que foi criada, em 5 de junho de 2009, ou seja, em apenas 10 dias após sua "estréia". A autora avisa: "Não tem horário certo pra estréia... mas será hoje, postarei quando tiver povo". ♪ ♫ Avяiiℓ

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Reмoηα e gſααmgιrſes são as primeiras a se manifestar, escrevendo "Primeira!" e "Segunda!", respectivamente. Após esse feedback, o seguinte aviso é publicado pela jovem autora:

> GENTE!! AVISO LOGO QUE A WEB TEM CENAS HOTS E FORTES! ok, eu sei que uma web não é só isso.. mas acho que faz parte da vida, e uma web sem isso, fica muito sem graça u.u ENTOCES, QUEM NÃO GOSTAR, NEM COMECE A LER!

Um segundo aspecto são as fotos dos perfis das jovens, fotos "*fakes*", fotos retiradas dos seus artistas preferidos e não delas próprias. Como elucidado anteriormente, esta forma de se expor no universo das webnovelas é extremamente comum. Um terceiro elemento é o link para "a comunidade de perdidos" disponibilizado pelas autoras desde o início para os interessados em ler a história "corrida", sem as interferências dos diálogos entre leitores e autores. A busca pela interação com as leitoras continua após a publicação do primeiro capítulo: "vou esperar comentários pra continuar :P enquanto isso, tô divulgando a web". Segue abaixo um exemplo de escrita nesses espaços.

first | < previous | next > | last showing **1-10** of **1,668**

5 Jun

Cherry

O analisador de olhos (Vondy)

"Tudo passaria normalmente. Pelo menos, era o que eu pensava."

Quando você pensa que tudo está no seu devido lugar...
" ***Mauro****: Isso mesmo! – ele disse sorrindo – Hoje, vocês vão acompanhá-la até o hospital para o exame de corpo.*

...acontece algo que não estava nos seus planos.
Chris*: Dulce María, 19 anos – Eu li em voz alta e entrando na sala logo após Pablo.*

E uma só pessoa – se é a certa – transforma você completamente.
Nos seus olhos eu via tristeza, mágoa, raiva. Eu via tantas coisas, em simples olhos. Eu via sua força.

Seria o ser humano capaz de fazer algo durar pra sempre?
Dulce*: O que você quer dizer com isso? – perguntou confusa*
Chris*: Eu te amo.*

-
COMUNIDADE DOS PERDIDOS:
http://www.orkut.com/Main#Community.aspx?cmm=57209208

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

5 Jun

Cherry

WEB BY G.

5 Jun

Cherry

Queeeria pedir aos leitores nindos que evitem comentar na cor PURPLE porque a web será postada dessa cor...

Não tem horário certo pra estréia... mas será hoje, postarei quando tiver povo.

5 Jun

♪ ♫ Avяiℓ Raмoηα

Primeira !

5 Jun

♪ ♫ Avяiℓ Raмoηα

5 Jun

gſααmgιrſ

segunda *----------*'

5 Jun

Cherry

Oi gente *-* querem o primeiro post?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

5 Jun

Cherry

GENTE!! AVISO LOGO QUE A WEB TEM CENAS HOTS E FORTES!

ok, eu sei que uma web não é só isso.. mas acho que faz parte da vida, e uma web sem isso, fica muito sem graça u.u ENTOCES, QUEM NÃO GOSTAR, NEM COMECE A LER!

5 Jun

gƒααmgɪrƒ

logico *-*'

to muito ansiosa , posta amor *-----*

5 Jun

gƒααmgɪrƒ

AMEEEEEEEEI *-*' /faloapornografica kkk' calei-me

Cherry

UAHUAHUHAUHAU mas é verdade né? web sem cenas hots não é web... u.u

tá, vou postar, só por sua causa.. sinta-se honrada!! HUAHAU

5 Jun

Capítulo 1 - Fundação

Ela gemia no meu ouvido e pedia por mais

xxx: Isso, Ucker, oooh, continue assim – Ela era linda! Isso eu posso confirmar. Loira. Eu a penetrava forte na parede, sem dó, e ela parecia gostar. Minhas mãos passavam pelo seu corpo, e eu a apertava aonde podia. Não sou carinhoso, odeio carinhos. Ainda mais no sexo.

A propósito, eu me chamo Christopher. Christopher Uckermann. Mas todos me chamam de Ucker. E eu estava transando pela milésima vez naquele fim de tarde.

xxx: Ai, amorzinho, você me cansa! – Ela disse após terminamos, com um sorriso entre os lábios

Chris: Como se você não gostasse – Eu respondi divertido, dando um selinho chupado em seus lábios, e a larguei em cima da mesa para ir tomar banho.

Eu tenho 25 anos, e totalmente solteiro. Venho de uma família milionária do México, porém não fico exposto a tanto... Tenho meu trabalho, na polícia, com os casos pesados. Estupros, assassinatos, seqüestros, e todos os tipos de casos sinistros que você pode imaginar.

Eu nunca tinha que trabalhar nas sextas-feiras à noite. Era um tipo de folga, e iam outros para substituir. Eu já tinha a noite toda planejada, com outra das minhas amantes, que eu quase sempre esquecia os nomes.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Mas não importava! Eu ia com uma delas, dessa vez uma morena. Seu nome começava com 'L'. Ou 'F'.

5 Jun
Cherry
vou esperar comentários pra continuar :P enquanto isso, tô divulgando a web

Figura 36 – Trecho de webnovela

As adolescentes apontam a diferença entre a leitura de webnovelas e a de livros, sendo possível perceber um gradiente crescente de atenção necessária para cada uma das seguintes atividades: ler livro, ler webnovela e escrever webnovela. Se para ler webnovelas conseguem "estar com várias coisas abertas", "falar no MSN", "conversar no tópico, comentando o que está lendo", "ouvir música", "ficar no Orkut, Twitter", a leitura de livro requer outro tipo de disposição. É necessário estar num lugar calmo, ter muita concentração, silêncio, ficar "longe da tentação do computador" e não ser interrompido por "MSN, Orkut, Twitter". Quando estão escrevendo também sentem necessidade de concentração e música para se sentirem inspiradas. Umas fecham "todos os programas do computador, deixando só o Word ligado", e outros com a "internet desconectada" para evitar "as janelinhas piscando".

> Leitores e escritores de webnovelas são, antes de tudo, fãs. Eles se identificam com seus ídolos, colecionam tudo o que relaciona-se a eles de forma apaixonada, intensa e febril. Ainda que muitas fanfictions sejam escritas por leitores de gibis, livros e mangás, que vibram com as histórias originais sentindo depois um forte desejo de reescrevê-las em redes sociais online no caso específico das webnovelas os fãs reescrevem e criam não a partir do que leram, mas a partir do que assistiram na TV como por exemplo a novela adolescente Rebeldes. Este percurso tanto inclui a indústria audiovisual no eixo da lógica de produção e emissão como também assinala os modos de apropriação e réplica dos receptores, suas lógicas de uso, resposta e re-elaboração. A escrita desses adolescentes explicita o esquema de Martín-Barbero (1997) sobre a "teoria das mediações", ou seja, processos de negociações de sentido realizados pelos sujeitos.
> A palavra "fã" sempre foi tratada com desconfiança e nervosismo através dos tempos. (...)Já foi traduzida como "fanatismo". No século 20, o fã era a pessoa que consumia, mas não produzia.(...).Mas, hoje, os fãs estão produzindo ativamente. Eles estão contando histórias e divulgando-as on-line, no Japão, fazem seus figurinos e encenam peças na rua; estão editando podcasts; eles se envolvem em discussões críticas na internet; eles estão reinventando os jogos de computador. É o segmento mais criativo da sociedade. (...) Eles são o coração da cultura da convergência. (JENKINS, 2009b)

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Leitores e escritores de webnovelas são adolescentes e jovens que desejam e preferem narrativas com conteúdo romântico e erótico – mesmo que seus pais e amigos não saibam disso. Este dado está em consonância com os resultados da pesquisa "Young people, media and personal relationships" (BUCKINGHAM e BRAGG, 2003) , na qual "mais de 78% das crianças responderam de forma positiva à sentença: 'Eu sei mais sobre sexo do que meus pais pensam que eu sei".

A facilidade de acesso a materiais explicitamente sexuais via internet contribui para que tais fantasias sejam elaboradas e compartilhadas. A proliferação de perfis *fakes* em comunidades online reforça a aprendizagem sobre sexo como um processo coletivo conduzido entre o grupo de pares. Estes jovens estão em rede e apreciam enormemente o contato permanente, exposição de idéias, diálogo e amizade com grupo de pares em redes sociais online. Conhecer "gente nova", "várias pessoas de todo o Brasil", "novos amigos", "fazer muitas amizades" são valores estimados. Muitas jovens aproveitaram o contato feito pela comunidade para se conhecerem pessoalmente, organizando encontros, trocando cartas. Há laços estreitos afetivos e orgulho ao dizer: "minha melhor amiga eu conheci pela internet". Ter uma história publicada e comentada em site com inúmeros leitores e fãs significa, para eles, estímulo, reconhecimento, desafio. Muitos iniciam uma ficção, mas a abandonam por falta de leitores. No trecho abaixo é possível conferir um recado deixado na comunidade por leitora cansada de esperar por atualizações.

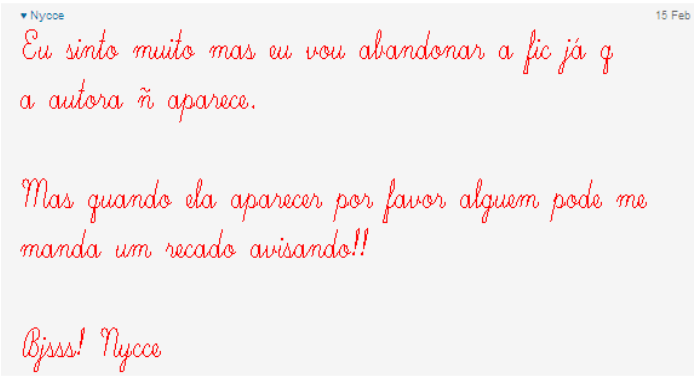


Figura 37 – Leitora de webnovela abandonada

Outros, mesmo com grande número de assíduos seguidores, também não conseguem manter o ritmo da produção e abandonam as histórias, deixando-as sem fim. Nada pode ser mais frustrante para um leitor de *fanfictions* do que isso.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

Quando as escritoras conseguem manter a regularidade das postagens e finalizar webnovelas com sucesso, transformam-se em referência, celebridade.

Quando chegam a este patamar, costumam viver o seguinte paradoxo: o desejo de experimentar novos caminhos literários e gêneros, criando personagens próprios, sendo abafado pela falta de público. Escrever para fãs pode garantir um grande número de leitores assíduos e envolvidos com a história; muito mais difícil de conseguir sem tal endereçamento.

Não é à toa que muitas entrevistadas falaram de seus imaginários e projeções para o futuro como escritoras de sucesso: "Meu sonho é ser escritora e fazer as pessoas sonharem com minhas histórias. :D" Juhhchan, 16 anos, Rio de Janeiro), "Ah, é o que às vezes me faz pensar em ser escritora, é a hora em que deixo a imaginação voar"(Jenny, 15 anos, Brasília). Os autores e livros mais citadas como preferidos são Stephenie Meyer ("*Twilight*"), Dan Brown, Markus Zusak ("A menina que roubava livros"), K. Rowling ("Harry Potter"), John Grogon ("Marley & Eu"), Sophie Kinsella, Lemony Snicket, CS Lewis, Meg Cabot, Jane Austen, Nora Roberts, Philip Pullman, Cecily Von Ziegesar e Kalled Hosseine. Pode-se dizer que há uma "pasteurização do gosto" (SARMENTO, 2005). As jovens leitoras conhecem e apreciam apenas literatura estrangeira e assim mesmo através de *Best-sellers*. São poucas as referências à literatura nacional.

Outro aspecto que pode ser destacado na escrita dos nativos digitais é o forte emprego de termos em inglês, que também notado no MSN, aparece com ainda mais relevância nas comunidades de *fanfictions*. Palavras como *nickname, emoticon, status, subnick, fake, profile, fic-writer, hot e* termos *como upar, postar, floodar* foram apropriados e compõem o vocabulário cotidiano dos leitores e escritores.

Segundo Chartier (2002, p.17), o inglês tem se transformado em "língua franca" eletrônica, em emprego que reduz o léxico, simplifica a gramática e multiplica abreviaturas, tendo como uma das possíveis consequências a sensação de inutilidade de outras línguas. Esta última hipótese não foi percebida entre os nativos digitais investigados, que movidos pela paixão aos seus ídolos, tem se aventurado por aprendizagens idiomáticas que não se restringem à língua inglesa. Fãs da banda mexicana Rebelde contam ter se interessado em estudar espanhol

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA

(Isabella divulga poema de Dulce Maria escrito nesta língua em seu perfil no Orkut e várias leitoras usam expressões latinas) e fãs de mangás, japonês.

Quando perguntados sobre suas formações para a leitura e escrita na escola, as referências foram negativas:

> *Acho que na escola a gente não tem coisa nenhuma para virar escritor, para gostar de escrever. Tinha uma tentativa. Tinha...ah, que ir pra biblioteca, pegar livro emprestado. Mas não tinha livros que realmente nos interessasse, tinha livros de uma biblioteca com livros de "mil novecentos e lá vai fumaça" (risos). (...). E na hora de escrever redações, essas coisas, a gente achava um saco. Porque na maioria dás vezes era só matéria mesmo, para ortografia, essas coisas. Então não incentivava. Ela fala (a professora): primeiro vocês têm que fazer o planejamento do texto (contexto, elementos verbais, elementos não verbais e mensagem).. Ninguém vai "ò, vou virar um escritor!". Ninguém vai querer. Não incentiva a ninguém a fazer nada.* (Lorena, 14 anos, Rio de Janeiro)

> *Minha professora apenas ensina as regras do português, e pede algumas redações, que são poucas, as aulas, sim são interessantes, porem não me dão nenhum estimulo, o que mais me estimula é o fato de ter varias pessoas gostando do que eu escrevo, é essa é minha maior inspiração. As atividades trabalhadas em aula não são tão interessante quanto ler alguma coisa aqui.* (Carolina, 14 anos, Rio Grande do Sul)

As jovens sinalizam, desta maneira, uma série de diferenciais para que se sintam motivados a ler e produzir histórias. Querem partir de temas atuais, escrever livremente sobre suas preferências, compartilhar o que escrevem, recebendo retorno sobre suas criações, sentindo-se reconhecidos num ambiente em que a troca afetiva e o contato com pares seja permanente, envolvido por laços de amizade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0710365/CA